

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Graduação em Psicologia

Rafaella Cavalcante Bueno

A SAÚDE MENTAL NO TRABALHO DE DJ'S

BELO HORIZONTE
2021

Rafaella Cavalcante Bueno

A SAÚDE MENTAL NO TRABALHO DE DJ'S

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Leite Ferreira Neto

BELO HORIZONTE
2021

Rafaella Cavalcante Bueno

A SAÚDE MENTAL NO TRABALHO DE DJ'S

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Prof. Dr. João Leite Ferreira Neto – PUC Minas (Orientador)

Prof. Me. Carlos Alberto Pereira Pinto – PUC Minas (Banca examinadora)

Belo Horizonte, 31 de maio de 2021.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Leite Ferreira Neto, pelos ensinamentos, pela confiança em mim depositada, pela credibilidade e apoio na minha forma de ver o mundo, o que tornou possível a realização deste trabalho.

Ao meu leitor, Prof. Me. Carlos Alberto Pereira Pinto, pelas pontuações valiosas e pelo carinho de sempre, atencioso e solícito em todos os momentos da minha formação.

A minha Profa. Dra. Luciana Kind, por ser inspiração e auxiliar a despertar em mim o desejo de ser pesquisadora, marcando profundamente a minha trajetória acadêmica.

Aos entrevistados nesta pesquisa, por terem compartilhado suas experiências de vida e terem servido de inspiração para alcançar nossos objetivos.

Ao meu noivo, pela paciência nos meus dias de ausência, pelo companheirismo de me apoiar nos momentos de dificuldade e também por servir de inspiração para que eu olhasse o DJ ainda com mais amor e empatia. Você foi a gênese de tudo isso que resultou neste estudo.

Aos meus amigos, que me sustentaram inúmeras vezes na ausência da minha família, que me incentivaram até o último instante a entregar o melhor de mim e também respeitaram meus momentos de ausência.

A minha família, pelo amor incondicional.

*“Vejo que nunca te disse como escuto música
– Apoio de leve a mão na eletrola e a mão
vibra espalhando ondas pelo corpo todo:
Assim ouço a eletricidade da vibração,
substrato último no domínio da realidade, e o
mundo treme nas minhas mãos.”
(LISPECTOR, Clarice. Água Viva, 1977)*

RESUMO

Este estudo objetiva investigar como se dá a relação do DJ com sua própria saúde mental. Esta é uma pesquisa narrativa de cunho qualitativo, que se valeu de uma pergunta disparadora para dar andamento às narrativas dos sujeitos entrevistados. Foram ouvidos quatro DJ's da cidade de Belo Horizonte - MG, com maior projeção nacional. Foram realizadas análises dos conteúdos que emergiram das narrativas e destacadas cinco categorias. O forte de sentimento de sonho e paixão envolvido age como propulsor na sustentação do desejo e na formação do sonho de ser um DJ icônico. Foram as mudanças no trabalho e na cultura que proporcionaram o status de profissão dos sonhos entre os jovens contemporâneos. Dentre os impactos do sucesso, as áreas afetadas são: as comparações excessivas, descuido com a saúde, com o sono e alimentação, problemas nos relacionamentos em geral, prática de *hater* e a pressão generalizada dos fãs e do mercado. A respeito dos obstáculos que eles enfrentam, encontramos situações de humilhação, preconceito, dificuldade de acesso à línguas e equipamentos, acidentes, não pagamento da remuneração pelo trabalho, uso de álcool e outras drogas, e dificuldades na gestão da carreira. Foi detectado a presença de vários sintomas psicológicos oriundos do tipo de trabalho que o DJ exerce. Também se constatou o uso de medicamentos para dormir, para ansiedade e para depressão em nossos entrevistados. Por fim, todos fomos atravessados pela pandemia e este é o tema da última categoria. O mercado está mudando e identificamos movimentos e estratégias defensivas da profissão como: as produções musicais, cursos, mentorias, *ghost producer*, *lives* e *streaming's*. Este estudo oferece uma visão muito real e atual sobre esse ofício.

Palavras-chave: **DJ; Música Eletrônica; Saúde Mental: Psicologia do Trabalho.**

ABSTRACT

This study aims to investigate the relationship between the DJ and his own mental health. This is a qualitative narrative research, which made use of a trigger question to give progress to the interviewed subjects' narratives. We interviewed four DJs from the city of Belo Horizonte - MG, with greater national projection. Content analysis of the narratives was carried out and five categories were highlighted. The strong feeling of dream and passion involved acts as a propellant in sustaining the desire and in forming the dream of being an iconic DJ. It was the changes in work and culture that provided the status as a dream profession among contemporary youth. Among the impacts of success, the areas affected are: excessive comparisons, neglect of health, sleep and diet, problems in relationships in general, hater practices, and the general pressure from fans and the market. Regarding the obstacles they face, we found situations of humiliation, prejudice, difficulty of access to languages and equipment, accidents, non-payment for work, use of alcohol and other drugs, and difficulties in career management. The presence of several psychological symptoms arising from the type of work that the DJ does was detected. The use of medications for sleep, anxiety, and depression was also found in our interviewees. Finally, we have all been traversed by the pandemic and this is the theme of the last category. The market is changing and we identified movements and defensive strategies of the profession such as: music productions, courses, mentoring, ghost producer, lives and streaming. This study offers a very real and current view of this craft.

Keywords: DJ; Electronic Music; Mental Health; Psychology of the Work.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA PROFISSÃO.....	10
2.1 De trás das cortinas para os holofotes e palcos monumentais.....	10
2.2 Criatividade e saúde mental.....	11
2.3 Estresse ocupacional, insegurança financeira e suicídio.....	13
3 METODOLOGIA.....	15
4 O DJ E SUA SAÚDE MENTAL.....	17
4.1 Paixão e sonho.....	17
4.2 Impactos do sucesso.....	26
4.3 Obstáculos nas trajetórias dos DJ's.....	32
4.4 Saúde X Profissão.....	39
4.5 DJ na pandemia de Covid-19.....	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
6 REFERENCIAL TEÓRICO.....	55

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como proposta ouvir profissionais do ramo do entretenimento que tem como função ocupacional ser Disc-jóquei, queríamos saber quais atravessamentos a profissão acarreta para a saúde e de que forma o cenário mercadológico da música eletrônica contribui para o adoecimento desses profissionais.

O interesse no tema deste estudo foi decorrente da morte do DJ mundialmente conhecido como AVICII (Tim Bergling), o DJ foi encontrado na banheira de um quarto de hotel em Omã, com os pulsos e a garganta cortados com um caco de vidro de uma garrafa de bebida alcoólica.

A pesquisadora, por compartilhar da mesma profissão de AVICII, sentiu a necessidade de pesquisar mais a fundo sobre os elementos e fatores que, combinados a história de vida juntamente com questões específicas da profissão, pudessem levar ao desenvolvimento de sofrimento psíquico grave ao ponto de apresentarem ideações e atos suicidas. Foi necessário estar ainda mais perto, ouvir atentamente cada detalhe da vida das pessoas entrevistadas para compreender a complexidade da profissão e quais são esses atravessamentos que o mercado atualmente exige do DJ. Para melhor compreensão do cenário, sugere-se aos leitores mais leigos e interessados que assistam o documentário “AVICII -True Stories”¹, lançado no ano de 2017. Ressaltamos que, não assistir ao documentário não trará prejuízo algum aos leitores dessa pesquisa.

O objetivo geral deste estudo foi investigar como se dá a relação dos DJ's com a própria saúde mental, sendo assim, os objetivos específicos visavam identificar fatores de sofrimento psicológico nos DJ's, conhecer quais as consequências do sucesso para as dimensões afetiva, social, familiar e profissional, identificar os efeitos da música eletrônica em suas vidas e por fim conhecer quais as possíveis estratégias a serem utilizadas pela psicologia como forma de intervenção sobre os transtornos psicológicos decorrentes dessa profissão.

Em meu levantamento de produções científicas acerca deste tema, constatou-se a escassez de estudos científicos no Brasil e no mundo,

¹ Documentário “Avicii – True Stories” : assistir em: <https://vizer.tv/filme/online/avicii-true-stories>

especialmente focalizando o olhar da Psicologia, o que me fez reafirmar a relevância deste estudo. Em função disto, foram concatenados artigos e materiais complementares a cerca de outros profissionais do ramo da música eletrônica para dar suporte as análises e interpretações.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA PROFISSÃO DE DJ

Este capítulo tem como objetivo fazer uma breve contextualização histórica do campo de trabalho do DJ. Houveram mudanças significativas no lugar social e econômico que o DJ ocupa atualmente, o desenvolvimento artístico da carreira trouxe junto uma série de atravessamentos muito importantes de serem abordados para melhor compreensão deste estudo como um todo.

2.1 De trás das cortinas para os holofotes e palcos monumentais

O DJ sempre foi figura fundamental nos bailes, desde o final dos anos 50 aqui no Brasil. Foi nessa época que um técnico de som teve a ideia de colocar as caixas de som na pista de dança, exatamente no lugar da orquestra tradicional que havia faltado ao show naquela noite, ele ficou atrás das cortinas trocando os discos de vinil dos toca-discos, com milissegundos de diferença, dando origem a tão famosa na época, Orquestra Invisível. (ASSEF, 2003. p. 19- 35)

Nos anos 70 as festas comandadas por DJ's eram com frequência encerradas pelos militares em meio a ditadura, quando alguns líderes de equipes de som foram levados pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) para conversas oficiais sobre as mensagens passadas nas letras das músicas, na época a Black music estava em alta. (ASSEF, 2003. p.46).

O antropólogo Hermano Vianna em entrevista dada à jornalista Cláudia Assef (2003), diz que: - “apesar do DJ ser figura fundamental nos bailes funks do Rio, foi só no início dos anos 90 que o DJ passou a ser valorizado dentro das equipes de som.” Nesta época o precursor da nova posição que o DJ ocupava nos palcos foi o DJ Malboro, - “ele mudou a posição do DJ, que passou a tocar de frente para os dançarinos e a fazer o tão famoso show de scratch”. Mesmo assim Hermano acreditava que nesta época as equipes de som ainda eram mais importantes e famosas que os DJ's.

Mr. Funk Santos (Oséas Moura dos Santos) recorda que o DJ sempre foi importante na Black Rio, mas sempre foi muito mal remunerado. Os donos das equipes enriqueciam enquanto pagavam misérias aos discotecários (nome dado na época a quem colocava os discos para reprodução e faziam as mixagens). E o mais chato era que o nome do DJ nunca aparecia muito, o que sempre sobressaía era o nome das equipes, disse ele em entrevista para ASSEF (2003).

Próximo aos anos 2000 as flash dances americanas de Chicago chegaram ao Brasil. Os DJ's que possuíam programas nas rádios foram incumbidos de introduzir o novo estilo musical nas paradas de sucesso da época, demonstrando o poder do DJ na educação musical e cultural na cena brasileira.

Atualmente os DJ's são as atrações principais de muitos eventos, as festas de música eletrônica por exemplo, montam palcos monumentais para a apresentação dos profissionais mais renomados. Existem festivais mundo a fora que duram dias e mais dias de pistas de dança comandadas por disc-jóqueis. Agora eles estão em baixo dos holofotes, eles são as estrelas das festas, a equipe ainda existe, porém, hoje em dia é focada em projetar artisticamente a carreira solo dos DJ's, administrar suas logísticas de viagens, traslado, hotel, alimentação, e tudo mais que evolva a estrutura de apresentação de um grande artista.

2.2 Criatividade e saúde mental

O mercado da música eletrônica atualmente valoriza cada vez mais, com rendimentos astronômicos. Os mais valorizados são os DJ's que são criativos, que lançam músicas autorais e, principalmente, criam músicas que atingem as massas. Em contrapartida é possível observar o preço alto que a mente paga pelo processo de criatividade em larga escala. Sobre a força criativa da humanidade, um artigo escrito para o *Indian Journal of Psychiatry* apresenta uma importante explicação:

A imaginação criativa, os motivos criativos e os produtos criativos são exclusivos dos seres humanos e são a fonte de suas realizações culturais. A criatividade é a capacidade de fazer novas combinações e é uma das qualidades humanas mais valorizadas. A criatividade pode ser a chave para o sucesso ou o fracasso na busca do conhecimento pelos seres humanos, em sua jornada além dos limites do certo e do visto e na exploração do desconhecido. Um pensador criativo está sempre tentando criar algo novo e isso envolve uma grande quantidade de rearranjos inconscientes de símbolos. Em geral, há um grande

reconhecimento na vida de hoje em todo o mundo por ser criativo em suas atividades diárias. (PAVITRA, 2007, p.1).

Mas qual será o preço que o DJ paga pelo processo criativo? Nenhum processo é feito sem que gere uma força ou um desgaste significativo mentalmente, quando se fala em grandes resultados. Historicamente, dentro da saúde mental, o indivíduo criativo sempre foi visto de forma diferenciada, a criatividade era observada pelos psiquiatras como algo mais próximo da loucura do que da normalidade, do pensamento concreto e racional que a sociedade busca para encaixar as pessoas. Uma mente criativa precisa fazer novos arranjos quando existe algo que falha. A capacidade de criar algo novo que se encaixe perfeitamente no lugar de uma forma única, seja na dança, na escrita, na música, no teatro, no saber intelectual ou na arte em geral, sempre foi visto como patológico pelos observadores. O artigo questiona e nos coloca a pensar: “É preciso “estar doente para ser criativo”? Pode-se levar uma vida pacífica e agradável e ainda ter esperanças de ser inovador? Ou não precisa experimentar extremos anormais de algum tipo?” (PAVITRA, 2007).

Nas últimas décadas, de acordo com alguns estudiosos da área da criatividade, o conceito de criatividade e de saúde mental têm passado por constantes modificações. Segundo Oliveira, Nakano e Wechsler (2016), a psicologia positiva como um campo de potencialidades tem contribuído significativamente para um outro olhar em torno do processo criativo e as patologias antigamente relacionadas à criatividade. As autoras trabalham muito sobre a criatividade ser uma característica humana que está presente em todos, porém de formas diversas, com intensidade distintas de expressão, e que não necessariamente a presença de uma mente altamente criativa, significa que há algum tipo de transtorno mental.

Investigamos no campo da música eletrônica como se dá esse processo para o DJ. O intuito foi fazer emergir do conteúdo das entrevistas quais são os atravessamentos psíquicos que os DJ's de alta performance têm enfrentado para se manter visível e criativo diante de suas carreiras, se despontando de forma única e subjetiva diante de seu cenário de trabalho. Criatividade, fama e sucesso estão interligados nesse ramo assim como já foi comprovado em outros? Existe a presença de um estresse mental ocupacional? A busca por resultados tão expressivos tem mais benefícios ou malefícios?

Mas o que me surpreendeu foi como as pessoas ficaram surpresas ao saber que Harry tem problemas. Afinal, TODOS os príncipes os têm. Sempre tive. Não foi apenas George III, Henry VIII e Hamlet. Foram todos eles. Nascido em um palácio, criado por servos, sempre a apenas um batimento do coração de distância do trono, você teria que ficar completamente louco para não ficar completamente louco. E estrelas pop também. Eles são todos malucos. E ela com os sapatos gigantes e o vestido de carne mais do que a maioria. Longe de fazer a doença mental parecer normal e acessível, acho que a imagem dela e do duque de Cambridge ligados no Skype faz com que pareça uma peça com fadas e castelos, bruxas e pés de feijão. (COREN, 2017, p.1).

Neste trecho do artigo de Giles Coren, crítico do jornal *The Times*, compara as extravagâncias da realeza e de Lady Gaga, estrela do Pop mundial com um transtorno mental, como se a criatividade e excentricidade fossem características de pessoas que não se enquadram nos moldes sociais, que tem rompantes de raiva e reações abruptas. Trazendo para o contexto do DJ enquanto estrela e posição que ocupa atualmente hoje na mídia, qual é a relação do DJ com as excentricidades? Como eles enxergam as produções que são necessárias no mercado atual? O DJ hoje precisa ser modelo, produzir suas próprias músicas, cuidar da imagem, redes sociais, interatividade, como isso afeta o psicológico? Qual é a visão deles sobre o excesso de criação e a relação com o adoecimento psíquico? Existe desgaste? Quais são as ferramentas que eles utilizam para superar as dificuldades que surgem? Existe algum mecanismo que funciona como propulsor criativo?

2.3 Estresse ocupacional, insegurança financeira e suicídio.

Em um artigo escrito por um editor da *Mental Health Weekly Digest* um estudo científico quantitativo sobre doenças e condições de saúde mental foi publicado. De acordo com B. King, cientista do Departamento de Neurologia da Universidade do Texas em Austin, *Dell Medical School*, nos Estados Unidos, que foi entrevistado por jornalistas do NewsRx, a pesquisa constatou que:

Músicos populares (ou seja, não clássicos) têm taxas mais altas de depressão, ansiedade e suicídio do que a população em geral. Foi sugerido que o estresse ocupacional e financeiro são determinantes sociais da carga de saúde mental do músico. (KING, 2019, p. 1).

Tendo em vista o contexto histórico apresentado anteriormente e o saber de que hoje o DJ para seguir uma carreira de sucesso, precisa aprender a produzir suas próprias músicas, por vezes tocam variados instrumentos, estaria

ele então concatenado à categoria de músico? Qual a visão que os DJ's da atualidade têm sobre a regulamentação do ofício e que acarretamentos a insegurança profissional pode corroborar?

Sendo considerado como um músico pop hoje o DJ estaria também compreendido em estudos como o citado acima, que comprova através de um inventário que mede coeficientes de consistência interna e estresse ocupacional, que a saúde mental do músico/artista/DJ/Pop acendeu um alerta?

Como tudo isso afeta as dimensões humanas dessas pessoas envolvidas? De que forma isso reflete no casamento, na vida social, na vida familiar, na saúde mental? É chegada a hora de compreender de que forma a psicologia pode trabalhar para mergulhar tão profundamente com esses profissionais em busca de uma vida mais equilibrada e trazendo alívio para os sofrimentos, devolvendo a eles o reencontro com o sentido da vida e o prazer de fazer o que ama.

Esses são os principais pontos que pretendemos abordar na análise dos dados. O interesse é poder ajudar de maneira mais eficaz os profissionais da Psicologia e os DJ's, gerando dados significativos que possam auxiliar outros profissionais da área a conhecer melhor o campo desse tipo de profissional, podendo proporcionar uma relação melhor, psi-paciente, trazendo para a cena um laço significativo de interesses mútuos, que pode ser fundamental para a prática da psicoterapia (de urgência), com o estabelecimento de uma relação genuína de empatia e entrega profissional que podem ser determinantes para a prevenção ao suicídio dos DJ's, conhecer o seu mundo e a suas características ocupacionais, para assim poder intervir de forma mais eficaz, com cuidado e com a ética profissional que a situação exige.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e para que fosse possível conhecer melhor essa realidade os entrevistados precisaram responder a uma pergunta inicialmente disparadora da fala, que foi: Conte-me um pouco sobre a sua trajetória de tornar-se um DJ?

Segundo Flick (2009), na pesquisa em psicologia questiona-se a relevância desta para a vida cotidiana, a análise dos significados das experiências que são subjetivos é tão essencial quanto contemplar essas narrativas. Essas entrevistas são focadas nas experiências bibliográficas e podem ser aplicadas no vasto campo das ciências sociais.

Foram realizadas 4 entrevistas de cunho narrativo, sendo que os profissionais entrevistados estarão em momentos diferentes de suas carreiras, para que assim possamos ter uma visão mais abrangente sobre este campo, preservando as identidades de todos os participantes através do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Segundo Rosenthal (2014), para ser considerada aberta, esse tipo de entrevista precisa permitir que o entrevistado seja bastante ativo, logo, as interpretações que serão feitas, não são vistas como ruídos entre o entrevistador e os entrevistados, mas sim como um elemento determinante do processo de pesquisa.

Em função de seu formato de narrativa, a pesquisa pediu um olhar único, caso a caso, elencando conteúdos encontrados nas entrevistas com o conteúdo bibliográfico encontrado para embasar este estudo acerca do mundo da música. Além das entrevistas, acessamos material indireto adicional para fazer um comparativo dos DJ's brasileiros e outros DJ's renomados de todo o mundo, como entrevistas dadas para jornais e revistas, trechos de filmes e documentários que retratam a vida desses artistas.

Bardin (2011), configura a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Yin (2016) diz que, geralmente dados qualitativos são analisados em cinco fases, sendo que dessas, três são essencialmente importantes: a primeira fase analítica, tem a função de compilar dados a fim de construir uma base de dados formal, que exige uma organização metódica e cuidados dos dados

originais. A segunda fase, decompor os dados, geralmente envolve um processo de codificação formal, embora não seja algo extremamente necessário essa codificação em todos os casos. A terceira fase é a recompor, é feita de forma menos mecânica e se beneficia da capacidade do pesquisador de identificar os padrões que emergem do conteúdo.

Os nomes são fictícios e foram escolhidos porque representam os efeitos sonoros ou modulações sonoras que os DJ's usam para fazer as mixagens de suas músicas. A escolha da amostra foi feita por conveniência, uma vez que a pesquisadora já conhecia os entrevistados anteriormente.

É importante ressaltar que algumas pessoas disseram que queriam participar, porém não responderam às tentativas de contato para marcar as entrevistas, dentre essas pessoas, duas eram mulheres, o que seria ótimo para a pesquisa abranger maior variedade na amostra, seria rico ter uma visão feminina do meio, entendemos que o momento é delicado para os DJ's, respeitando a não obrigatoriedade da participação, fica o desejo de saber mais sobre a visão da mulher no mercado de DJ's.

Quadro1 – Sujeitos da pesquisa

Nome	idade	Tempo de carreira
ECHO	40 anos	21 anos
REVERB	38 anos	20 anos
WHITE NOISE	32 anos	14 anos
BACKSPIN	31 anos	13 anos

FONTE: Elaborado pela autora

Após compilar os dados colhidos com nossos sujeitos, foi possível identificar cinco categorias que emergiram dos conteúdos. São elas as quais discorreremos a seguir:

1. Paixão e Sonho;
2. Impactos do sucesso;
3. Obstáculos nas trajetórias dos DJ's;
4. Saúde x Profissão;
5. DJ na Pandemia de Covid-19.

4 O DJ E SUA SAÚDE MENTAL

Neste capítulo iremos analisar a profissão de DJ e sua saúde mental, traçando um contexto para que o leitor possa compreender a necessidade do olhar, a profundidade da relação afetiva entre esses sujeitos e sua profissão. Iremos clarear as relações e em cima de quais alicerces a profissão se afirma e quais dificuldades o DJ enfrenta atualmente para trabalhar.

4.1 Paixão e sonho

Nesta categoria buscamos trabalhar com a paixão, sentimento que emergiu do discurso de nossos sujeitos de pesquisa. Foi perceptível que ela está funcionando como propulsor para o exercício dessa profissão. Diante de tantas dificuldades relatadas pelos DJ's para conseguirem desenvolver suas carreiras e realizar seus sonhos. Ficou nítido o sentimento de paixão que age como laço forte, ligando os entrevistados a seus respectivos trabalhos no mundo eletrônico.

Sendo assim, iremos fazer uma apresentação das motivações que levam essas pessoas a sustentarem seu ofício, e por que este ofício ganhou a categoria de *profissão dos sonhos* entre os mais jovens.

Em nossa coleta de dados, pedimos aos sujeitos que falassem como começaram nessa carreira e o motivo pelo qual eles ainda permaneciam nela. Encontramos relatos diversos, de experiências muito diferentes, porém todos expressaram o mesmo sentimento, a paixão, pela técnica apresentada e pela sensação de comandar uma pista lotada de gente dançando na sua energia, como constatamos nos trechos abaixo:

“(...) um dia consegui ficar numa área vip que ficava ao lado da cabine do DJ, me lembro que era um DJ foda dá época - Joseph Capriati que até hoje comanda cena do Techno mundial, eu fiquei ali só olhando ele discotecar, como ele fazia para usar o equipamento, as MK5 de vinil, era lindo, essa é minha paixão, discotecar.” (ECHO).

“(...) eu tinha aberto a possibilidade profissional para poder continuar trabalhando com a minha paixão, e com meu ganha pão, porque a minha sobrevivência, a minha subsistência veio como DJ residente, veio através da música.” (WHITENOISE).

“Paixão! Eu amo música! Se eu tivesse nessa por grana, era melhor eu ter seguido o consultório do meu pai, que é médico, tava na fazenda, ou teria seguido a profissão da minha mãe de advogada(...) eu desisti de tudo para cair na música. (REVERB).

“Eu sempre gostei muito de música né? Desde criança assim. Quando tinha uns 14 anos, 13 anos de idade eu já levava o som pra escola, e

ficava lá, brincando né, era mais brincadeira, levava para lá e ficava botando música na escola, é uma paixão mesmo!” (BACKSPIN).

É perceptível na fala de todos os sujeitos que realmente existe um sentimento muito forte de paixão que os move, uma perspectiva muito intensa. Para a grande maioria é um apaixonamento que chega em suas vidas ainda muito jovens, provocando grandes idealizações, movendo tanto desejo existente naquela pessoa, tornando-se um sonho, algo idealizado, que pode ou não ser alcançado. Porém, é forte o suficiente para ser capaz de fazer com que esses sujeitos passem uma vida inteira tentando chegar o estrelato. O sonho de tornar-se um DJ super star, como se diz popularmente hoje: - ‘um Alok da vida.’

“Eu me arrisco a dizer claramente que para o DJ no Brasil existe um antes e um depois do Alok, como forma de ascensão do DJ como artista, como atração.” (ECHO).

Diante disso é importante lembrar que Alok e seu irmão gêmeo Bhaskar já se apresentavam juntos nos festivais eletrônicos desde os 11 anos de idade. Em trecho de sua entrevista para o jornal Folha de São Paulo em 26 de março deste ano, Alok disse: “Quando eu jogava videogame aos 12, era uma fuga. Queria muito que tivesse alguém para poder falar, conduzir assuntos importantes, para eu saber que não estava sozinho.” (ALOK,2021).

Para Freud os sonhos são a manifestação de desejos inconscientes, a paixão é uma forma de investimento da nossa libido narcísica de forma integral no outro, assim ele se transforma num objeto ideal. A partir desta idealização o objeto se torna fascinante e atraente para aquele que ama. Em ‘Psicologia de grupo e análise do ego’ (1921), Freud descreve a paixão como um estado em que o sujeito desvaloriza o próprio eu em detrimento deste objeto precioso e sublime, dessa forma o objeto consome ‘todo o auto-amor do ego’. O sacrifício de si mesmo torna-se um caminho possível neste processo, até que por fim, o objeto consuma o ego.

Nesta categoria podemos ainda trazer um trecho do estudo de Ferreira que diz:

“Esta é, em grande medida, a imagem social atualmente projetada pelas mídias sobre a atividade de DJ e alguns dos seus protagonistas, diariamente mediatizados em canais temáticos de TV (MTV, Trace, Clubbing TV, etc.), filmes, revistas de teor variado, redes sociais e sites específicos. Estes dispositivos mediáticos acionam uma forma de socialização do imaginário (Kaufmann, 2003) que impele muitos jovens a produzir idealizações ou ficções profissionais. Esta forma de reflexividade que constituem os sonhos profissionais é construída na

base de imagens agradáveis sobre o que se gostaria de vir a ser, remetendo a uma ideia vaga, difusa e indefinida de futuro. Não sendo dotada de qualquer circunscrição temporal, trata-se de uma forma de projeção profissional que também não exige qualquer grau de compromisso ou realismo.” (FERREIRA, 2017, p. 479).

Sendo assim, é através dessa idealização que a profissão de DJ ganha o status de sonho. Um ideal de vida passa a ser projetado na profissão de forma que os sujeitos fiquem cegamente apaixonados pelo ofício e por seus ídolos. Pelo fato de terem acesso muitas vezes somente a informações sobre a parte boa de ser DJ, que é óbvia por si só. Passando a viver em função deste sonho, os DJ's respiram música e por vezes se esquecem do lado mais real dessa profissão. Com aspirações de fazer sucesso e ganhar muito dinheiro, eles passam a se empenhar cada vez mais para que este sonho se torne real, porém, acabam muitas vezes não levando em consideração suas reais possibilidades.

Neste trecho de seus estudos sobre a pedagogização dos cursos de DJ em Portugal, é perceptível também o interesse de pessoas cada vez mais jovens pelo ramo, Ferreira explica o movimento dessa forma:

“No âmbito das mais recentes gerações, a atividade de DJ'ing se tornou muito atrativa não apenas do ponto de vista do consumo de música eletrônica, mas também do ponto de vista da sua produção, empolgando muitos jovens a quererem ser DJ's e experimentarem o seu estilo de vida.” (FERREIRA, 2017, p. 475).

E ele ainda completa:

“Nesta perspectiva, explora-se a hipótese de que o processo de pedagogização do DJ'ing se encontra relacionado com a crescente revalorização simbólica e social desta atividade, atualmente tornada uma profissão de sonho para cada vez mais jovens. Através do DJ'ing a paixão dos jovens pela música tem oportunidade de ser exercida não apenas como prática de lazer e de consumo musical, mas também como meio de vida e de afirmação da sua existência social, colocando-os em cena e a viver da cena em que gostam de viver.” (FERREIRA, 2017, p. 475).

Outros artistas como, o Martin Garrix, que começou aos 10 anos a tocar em festas pela vizinhança, e Federico Gardenghi que vem chamando a atenção do mundo da música eletrônica recentemente aos 13 anos, visivelmente foram pelo mesmo caminho. Nossos entrevistados também demonstraram seu interesse precocemente pela música e pela cena eletrônica, por volta em média dos 17 anos de idade.

“Fico naquela, se eu fosse trabalhar o mesmo tanto de hora que eu trabalho no estúdio com o direito, ou com medicina...eu não sei se eu ia, se eu ia ter o mesmo gás...talvez teria, talvez outras coisas me

inspirariam, eu me apaixonaria por outras coisas, mas hoje é... é essa paixão pela música que me move!” (REVERB).

“(...) eu mesmo era para ser engenheiro e larguei tudo para mexer com música, por que eu vi que eu não ia ser feliz ali não saca? Não ia tá na boa ali, ia sei lá, na verdade eu acho que ia xingar muito o tempo inteiro e que eu ia ficar triste.” (BASCKPIN).

Um dado muito interessante que apareceu é que na maior parte das vezes, esses sujeitos têm outras opções de trabalho que seriam rentáveis e bem-vistas socialmente, como médico, advogado, engenheiro, administrador, porém o sentimento de ligação com a música é tão forte que eles atravessam todas as dificuldades. A persistência do DJ precisa estar presente todo o tempo.

“Uai é até meio clichê falar isso, mas...eu acho que...se realmente gosta, não desistir mesmo, porque não adianta você ser tipo um médico frustrado que queria tá mexendo com música ou com arte, que você vai estar trabalhando com uma coisa você não gosta que você não vai ser feliz entendeu? Você vai estar rico, cheio de dinheiro lá, mas você não vai ser feliz. Vai tá lá, todo dia acordando seis horas da manhã...indo dormir...não vai estar de boa com a vida, vai ser um profissional amargurado, vai tratar ou às vezes até maltratar um cliente seu...saca? (BACKSPIN).

Existe também uma outra parcela da população de DJ 's que é privilegiada de formas variadas, financeiramente, culturalmente, socialmente. Dentre esses privilegiados se enquadram todos os nossos sujeitos de pesquisa, pois são DJ's que atualmente vivem só de música. Eles podem se dedicar várias horas do dia a estar em contato com essa profissão e com os materiais necessários para o aprimoramento da prática e execução dessas técnicas para eles tão satisfatória.

“Olha nisso eu posso dizer que sou uma pessoa muito privilegiada, acho que por ser muito novo lá quando a situação toda começou acontecer, eu meio que cresci junto, então nada é tão baque assim. Quando eu era mais novo, eu era, eu não tinha disciplina e nem maturidade, nem tão pouco visão que isso um dia ia ser um negócio de milhões de dólares, de bilhões, que movimenta, movimenta, rsrs, tanto dinheiro que é difícil descrever em palavras a grandeza que tudo tomou.” (REVERB).”

De acordo com os relatos, além de tocar o DJ precisa atualmente produzir, reinvestir em si mesmo e no seu nicho. São tantas as dimensões que precisam ser desenvolvidas que é fácil perceber que o DJ nunca é só o músico, como também mostra este trecho do estudo de Ferreira:

“Tal como se observa nos testemunhos, a criatividade do DJ implica a acumulação de uma elevada cultura musical e o desenvolvimento de um ethos de pesquisa, de exploração de soluções criativas, de investigação de novas técnicas, materiais e equipamentos sonoros. Esse ethos de pesquisa, orientado no sentido da inovação criativa, é em grande medida cultivado nas atuais condições de escolarização das práticas de

produção musical, condições que implicaram a transformação dos tradicionais saberes-fazer práticos e experienciais informalmente produzidos e reproduzidos no mundo do DJ'ing, em saberes curriculares.” (FERREIRA, 2017, p. 481).

Montano (2010), mostra um pouco do pensamento de DJ's de Sydney sobre as mudanças na tecnologia e na cultura da música eletrônica mundial, os formatos de apresentação e os equipamentos atualizados.

“(…) tal como a própria música está em constante evolução e mudança, a tecnologia que os DJs utilizam para executar o seu trabalho está também a sofrer uma certa mudança, e apesar deste domínio do toca-discos, e do nível de autenticidade que é atribuído à sua utilização (Farrugia e Swiss 2005, p. 33), os DJs nos últimos anos começaram a abraçar outras plataformas nas quais tocam a sua música. (MONTANO, 2010, p. 400).

Todas essas mudanças no saber fazer do DJ, provocou um outro movimento que tem tornado ainda mais complexa essa prática, antes o DJ tocava músicas de outros artistas e atualmente a parte de produção musical tem sido introduzida cada vez mais de forma que engloba tantas outras disciplinas e áreas como podemos ver neste trecho:

“Essa transformação implicou quer a sistematização e teorização de saberes- -fazer historicamente acumulados dentro da área específica da produção musical eletrônica, quer a sua articulação com outras disciplinas e saberes já academizados (engenharia, acústica, matemática, tecnologia, estética, história, entre outras), quer ainda a aplicação de metodologias de trabalho menos intuitivas e reprodutoras de saberes-fazer, em favor de metodologias mais conceptuais e projetuais, estratégica e racionalmente aplicadas à prática musical.” (FERREIRA, 2017, p. 482).

Sobre isso Montano coloca que o advento das tecnologias além de modificar têm ajudado os DJ's a se colocar mais como artistas no meio musical, vejamos:

O desenvolvimento da tecnologia tem assim valorizado o trabalho do DJ, de modo que as faixas podem ser alteradas e reformuladas de modo a se adaptarem aos requisitos específicos do DJ. As vozes podem ser acrescentadas e as faixas podem ser prolongadas ou encurtadas, permitindo ao DJ têm mais controlo sobre o 'som' real do seu conjunto, o que aumenta a extensão ao qual podem impor a sua própria identidade 'musical' pessoal e única. (MONTANO, 2010, p. 404).

Ficou claro que ter acesso à essas tecnologias não é nada fácil, pessoas mais privilegiadas têm acesso mais fácil a estas matérias desde os primórdios da profissão. Colocando os DJ's dentro da categoria de produtores, ele assume dentro de seu próprio nicho um novo papel.

Com isto, podemos ver como as mudanças tecnológicas geram mudanças na produção musical, ao mesmo tempo que se deslocam os conhecimentos de DJ para diferentes territórios. Embora nem todos os DJs se envolvam na produção musical, é evidente como o acesso mais amplo às tecnologias digitais, tais como pacotes de software de computador, facilitou aos DJs a assumirem o papel de produtores. (MONTANO, 2010, p. 405).

Sobre outras profissões e caminhos possíveis para esses sujeitos, Ferreira encontrou em sua pesquisa com nove jovens aspirantes a DJ's que foram entrevistados por ele, os seguintes dados:

“A realização do desejo por uma combinação ideal de valores instrumentais ou extrínsecos com valores expressivos ou intrínsecos ao exercício profissional foi, até um passado recente, principalmente associado a profissões de prestígio ratificadas por um diploma acadêmico. No entanto, no atual contexto de descrença de que um grau acadêmico cumpriria sonhos de segurança, estabilidade, emprego, estatuto e mobilidade social, associada ao contexto de insegurança e incerteza que se faz sentir no mercado de trabalho, as promessas acadêmicas competem com as promessas mediadas por outros contextos sociais, tais como as culturas juvenis e as culturas midiáticas de celebridade. Se anteriormente as tradicionais profissões de sonho envolviam a mediação seletiva do ensino superior – tais como as de médico, advogado, arquiteto ou engenheiro, por exemplo –, hoje em dia existem novas profissões de sonho que já não são exclusivamente associadas a carreiras certificadas por um diploma universitário.” (FERREIRA, 2017, p. 478).

É visível que, com as mudanças na cultura e no valor pessoal e social que um diploma universitário possui atualmente, sem garantias de sucesso em quaisquer áreas que eles possam ingressar em uma faculdade. Os jovens tem preferido viver galgando seus sonhos mais genuínos. Neste sentido, não se deixam levar pelo desejo dos pais ou pelo que os outros esperam deles socialmente. Este seria um efeito da mudança de paradigma em relação a profissão de DJ, e a pedagogização dos cursos de DJ que são oferecidos, são uma forma de tornar mais acessível e profissional o ingresso das próximas gerações no mercado. Esse movimento é muito importante para que a profissão caminhe para uma forma regular de ensino, que promova qualidade.

Sendo assim, sobre isso o autor ainda diz:

“Com efeito, o DJ'ing tem sido alvo de um importante processo de revalorização simbólica e dignificação social, ao ser uma atividade investida de novos sentidos. Se, até recentemente, ser DJ não era uma profissão promissora, sendo associada a mundos sociais mais marginais, underground, muitas vezes conotados com estereótipos associados à boémia, à malandragem e ao uso de drogas, hoje em dia esta ocupação é idealizada como uma profissão de sucesso e de amplo reconhecimento social, movida pela crença social de que através dela se pode vir a ser alguém, se pode estar em cena e viver da cena,

proporcionando a quem ela acede um sentimento de protagonismo e de existência singular enquanto indivíduo e trabalhador, difícil de obter nos lugares de trabalho atualmente disponíveis à força de trabalho juvenil.” (FERREIRA, 2017, p. 479).

Em contra partida vimos que outros Dj's que hoje são muito conhecidos, já desempenharam outros tipos de trabalho sem ser diretamente com a música, tentando um reconhecimento no ramo em paralelo. Os DJ's acabam passando por situações tortuosas e difíceis, humilhantes muitas vezes, e nem por isso eles deixam de fazer o que estiver ao alcance para continuar buscando o sonho de ser um superstar. Outros que já são antigos na cena, quando não conseguem sustentar o estrelato, buscam outras funções no próprio meio como manager, produtores de eventos e outros.

“Na verdade, a grande maioria quando começa não tem condição de trabalhar só com a música e tem outro emprego, e aí tira o pouco tempo que tem para poder mexer com música, muitos, mesmo! O próprio SCRATCH (Nome fictício) que mora aqui comigo, quando não tava estourado ainda, ele trabalhava, estudava, fazia estágio e tocava...correria demais!” (BACKSPIN).

“Eu acho que é isso, em minha carreira fui levando as coisas em paralelo e muitas vezes a carreira de DJ ficou meio de lado para dar gás na agência como produtor de eventos, mas eu não paro, é algo que para mim é essencial em minha vida.” (ECHO).

Outro dado importante que surgiu em nossa pesquisa foi o preconceito sofrido pelos DJ's por grande parte da sociedade. Nas palavras dos sujeitos é perceptível que a profissão mesmo após a glamourização ainda possui um viés malvisto, como se fosse uma atividade que não dispusesse de uma dimensão profissional claramente consolidada e complexa. Como nos trechos a seguir:

“Olha já! Já... incluindo dos próprios contratantes, da família, dos amigos, em geral...as pessoas chegarem a perguntar: -"você trabalha só com isso?" né; -"Ah mas você só é DJ?"; -" Ah você consegue sustentar sua vida só com isso? né... então volta de novo naquela situação da parte financeira né? O que é o que todo mundo... todo mundo quer saber..." E aí você ganha quanto?"; -"E aí dá para ganhar quanto?" né... Ah você ganhou quanto aquela vez? né.... então já se tornou uma coisa que às vezes também é muito barganhado, né muito... como eu disse anteriormente, desvalorizado também, né de querer em oferecer pouco.” (WHITENOISE).

“Com certeza!! E também tem a ver com o preconceito em geral com a música né? Não só com DJ em si, mas com a música em geral. A música em si ela...tem uma fama de ser coisa de drogado, coisa de maconheiro, até pelos nomes que a gente tem aí né, o pessoal das antigas os cantores, ter fama de maconheiro, doidão, hiponga essas coisas assim... o próprio artista em geral né, é mal visto pela sociedade, o cara do teatro também, o ator, a arte em si mesmo né...é julgada e mal vista, artistas são marginais. (BACKSPIN).”

“Foi muito difícil mesmo para falar a verdade, eu sofri muito preconceito até dentro da própria família, só que graças a Deus hoje em dia, as coisas mudaram...é aquilo né...até começar a dar dinheiro mesmo, as pessoas não aceitam...aí depois que começam a vir os frutos do que a gente plantou o pessoal começa a aceitar melhor.” (BACKSPIN).

Além de todo o cenário difícil, preconceito da família, dos amigos, e da sociedade em geral, o DJ ainda precisa lidar também com a desvalorização dos contratantes que é algo presente em todos os discursos. Situações ruins de inúmeras formas são enfrentadas para que uma pessoa se torne um DJ e consiga prosperar em sua carreira. É preciso cavar oportunidades que muitas vezes acabam não valendo a pena e o fato da profissão não ser regulamentada deixa os profissionais sem um direcionamento do que é aceitável ou não, cabendo a cada um colocar seu próprio limite, como podemos ver nos relatos a seguir:

“(...)acabou que também durante a carreira a falta de valorização dos contratantes dos lugares onde trabalhei, que você se preza a ir se apresentar é muito grande. Porque você é uma pessoa desconhecida você tá tentando um espaço, e aí querem te pagar com bebida, querem te pagar... falando que você vai ganhar visibilidade por estar tocando na festa dele ou no clube dele, entendeu? E muitas vezes eu aceitei né, porque sabia... me colocava também nesse lugar não só o contratante colocava nesse lugar né de uma pessoa desconhecida você também acaba se sentindo porque realmente você tá ainda começando...então, sem dinheiro ainda você acaba se rebaixando mais ainda então você vai aceitando vai entrando em algumas furadas e você vai se frustrando...” (WHITE NOISE).

“nossa teve uma vez num evento que eu fui tocar que eu fui muito humilhado, que eu tive que ir pro evento, os cara me largou tipo, num lugar muito longe tipo, e eu tive que ir andando já...e aí cheguei no evento e eu nem tinha como voltar para a casa e o cara ainda não me pagou e eu tive que dar um jeito de voltar de carona de outra cidade para cá, para minha casa, eu não tinha nem 1 real e minha família não me apoiava ainda, eu não tive nem coragem de ligar para minha mãe para pedir ajuda, uma cidade que eu acho que era uns 300 km daqui, pedindo carona na estrada...foi muito humilhante, muito, muito, mesmo para mim. Eu não tinha dinheiro para comer, não tinha dinheiro para voltar, mas mesmo assim eu ainda acabei não desistindo e consegui voltar para casa e aí fiquei mais motivado ainda para produzir as músicas e ser bom e reconhecido, pela música e ter condições de não passar por isso de novo.” (BACKSPIN).

Em outras palavras, o contratante acaba conseguindo argumentar, fazendo com que o DJ se sinta pequeno, para pagar pouco e outras vezes nem paga. São muitos os DJ's que relatam situações em que saíram para se apresentar e não receberam, ou que se colocaram em situações de risco para conseguir fazer seus shows.

O vínculo e o sentimento apaixonado do DJ pela profissão, são tão fortes que nem deixando de receber o pagamento pelo show, ele desiste do ofício muitas vezes tão ingrato no início.

Já quando a vida é colocada em risco como veremos no relato a seguir, é possível que algumas questões sobre como os DJ's estão fazendo para conseguir trabalhar, estejam começando a ser refletidas de forma mais abrangente.

“Então a agência fica por conta de fazer a parte contratual, traslado, passagens, a venda mesmo do artista, repasse financeiro sobre o evento e tudo mais. Quando você não tem uma agência você fica refém de muitas situações como por exemplo: dificuldades diversas por falta de experiência com o mercado e com as pessoas da cena, tempo gasto, experiência de tocar, segurança para viajar. A logística perigosa que seria. Por exemplo, eu já fui buscado no aeroporto por um colega do dono da festa que estava bebendo. Já houveram traslados de carro até a festa que acabaram em acidentes, vários deles, acidentes graves que o artista atualmente nem toca mais em função deste trauma.” (ECHO).

O DJ Alok sofreu um acidente com seu jato em 20 de maio de 2018, muito assustado com tudo, desde então ele vem repensando sua agenda de shows. Em entrevista no Flow Podcast², ele explica o porquê está vendendo avião e relata o acidente ocorrido.

O que ficou bem nítido todo o tempo desta pesquisa, é que existe mesmo muita vontade envolvida nessa profissão. Existe algo muito maior que apenas trabalhar, não é realmente um trabalho como outro qualquer, ou como foi o trabalho do DJ na década de 50. As mudanças são inúmeras, do anonimato ao estrelato um caminho longo que poucos conseguem percorrer.

Por fim, podemos concluir que a paixão seria para eles uma justificativa que consegue compreender o motivo pelo qual o DJ por vezes acaba se colocando em inúmeras situações de risco e desamparo em nome desse sonho. Apaixonado e com o ego enfraquecido, o artista passa a colocar o sonho acima de si mesmo, idealiza e cria todo um modelo que possa representar o lugar no *ranking* de DJ's que ele quer conquistar.

Algo que seja compatível com os ídolos que já conseguiram se realizar, ou seja, existe um 'modelo' e seguir, outros conseguiram, eles também podem. Pelo visto, esse modelo ideal também faz uma denúncia, alcançar o sucesso

² Link para acesso à entrevista do Flow Podcast de Alok:
<https://www.youtube.com/watch?v=rMHkiVP7VKU>

pode não ser tão simples como aparenta, como diz o dito popular: - “Paixão não enche barriga!”. Ser DJ não é como uma brincadeira ou diversão eternas. O sucesso precisa de manejo e planejamento, pois pode provocar grandes impactos, e por este motivo, esse é o tema da nossa próxima categoria.

4.2 Impactos do sucesso

Nesta categoria abordamos um passo além do sonho realizado, analisando os impactos negativos que encontramos nas histórias de vida dos entrevistados. De acordo com eles, o sucesso nessa profissão vai sendo construído a cada degrau. O DJ precisa encontrar uma solução nova e criativa, quanto mais ele desenvolver e treinar sua criatividade, mais ele expande sua capacidade prática de resolução dos diversos problemas que ocorrem nos eventos. Tendo em vista que são muitas as demandas, ele precisa se desenvolver em múltiplos níveis para atingir o sucesso, como veremos com os dados colhidos nesta pesquisa.

Os entrevistados dizem que nesta profissão a frustração é constante e a cobrança é intensa, vejamos os trechos:

“(...) o lado ruim, teve vários, muito mais do que bons...porque a caminhada é bem difícil”. (BACKSPIN).

“Aí entra a complicação, já passei por muita frustração, já tipo assim, é uma coisa que você se cobra muito, porque você fica o tempo inteiro ali vendo gente nova aparecer, você fica o tempo inteiro se cobrando de fazer coisa nova porque você pode ficar para trás...Você fica o tempo inteiro falando nossa eu preciso tá sempre no topo, eu preciso fazer coisa boa sempre, eu não posso perder o meu público, eu tenho que estar entre os melhores sempre, fazendo coisa nova, sempre entre eles, tá sempre no topo.” (BACKSPIN).

“Definitivamente não! Acho que a de ninguém é, nem do Alok! Na verdade, vou te falar que ele é... por que ele já tem o pé de meia hoje para fazer o que ele quiser com a música, ou meter o pé a hora que ele quiser! Ele tá suave! Ele e o Vintage, esses caras estão na sombra no pódio mundial! A nossa profissão é uma insegurança total! As certezas são as incertezas.” (REVERB).

Mesmo diante de um cenário exponencial que cresce sem parar há mais de 20 anos no Brasil, a insegurança se faz presente todo tempo de muitas formas, a financeira é só mais uma das esferas que em desequilíbrio pode provocar grande adoecimento. Até mesmo os próprios DJ's acham que o Alok por exemplo, já está com a vida ganha, enquanto que ele relata à Folha de São Paulo que:

“Estava fazendo quase 300 shows no ano. Uma insanidade. Eram cinco meses e meio fora do país. Em 2020, estava com previsão de ficar seis meses fora. Um ritmo desenfreado, que não me fazia bem. Não quero mais voltar ao ritmo de antes. Quero ter uma vida mais equilibrada. Em relação à questão financeira é um baque. Principalmente para a indústria do showbiz. Muita quebradeira. Os shows não voltaram. Estou segurando a onda de todos os meus funcionários. Passam de 40 pessoas que dependem do meu trabalho. Queimei todo o recurso que tinha na empresa. Estou vendendo meu avião para continuar. Se eu não fizer isso, não sei como vai ficar.” (ALOK, 2021, p.5).

Quanto maior você se torna, maiores são suas responsabilidades. Não é fácil obter o sucesso tão esperado, assim como também não é nada fácil mantê-lo.

“Primeira coisa é que atrás de todo sucesso que parece fácil, não foi fácil e não é, ninguém chega lá em cima de paraquedas, existe uma mísera parte que vai ter uma sorte muito além do normal, mas não é assim que funciona. Se a pessoa tiver pensando em mexer com isso ela vai ter que entender que ela vai ter que lidar com a frustração 24, 48 horas por dia, a frustração vai ser sua melhor amiga, poucos serão os momentos que essa pessoa vai se sentir no auge mesmo, não existe glamour nisso, talvez cê sinta que o cara tá num lugar, quando cê vê o Vintage de jato para cima e para baixo, ou o Alok e tal, mas não é assim que a banda toca, são dois casos muito pontuais, de pessoas com muita estrutura e história, e muito trabalho, mas as pessoas só veem a parte do sucesso, o que fica atrás da cabine pouca gente conhece não foi fácil eles chegarem lá, mas é mais difícil ainda sustentar, e muito mais complexo.” (REVERB).

Nas palavras de REVERB, fica visível que o glamour visto de fora nada mais é do que o mundo do marketing e da valorização da imagem, para que comprem estes sonhos muitas vezes inalcançáveis. A mídia frequentemente ajuda a disseminar esses mitos sobre o sucesso e como as coisas realmente acontecem por trás dos palcos.

“Com efeito, a recente mediatização da ocupação de DJ reforça a crença de anônimos sonhadores ou aspirantes poderem aceder às luzes da ribalta, familiarizando-os com critérios de acesso e de dicas de sucesso. Por outro lado, constrói e dissemina uma aura de glamour e fama sobre os seus protagonistas, celebridades bem-sucedidas, atores de um estilo de vida cosmopolita, cool, moderno, estruturado em torno de uma atividade onde o trabalho se mescla com o fruir da vida e prazeres de vária ordem: não apenas o prazer intrínseco de praticar, a tempo inteiro, a atividade de que mais se gosta, mas também gratificações extrínsecas que, daí, poderão decorrer, como um amplo reconhecimento social, fama, dinheiro, miúdas, viagens, etc.” (FERREIRA, 2017, p. 479).

Podemos perceber neste trecho do artigo de Ferreira que os sonhadores sejam eles anônimos ou não, ajudam a promover e a disseminar essa glamourização da profissão advinda da possibilidade de viver dos prazeres da vida em tempo integral.

Um dado que ficou evidente neste estudo é que existe muito mito envolvido nessa profissão. Existem muitas suposições e isso faz com que a realidade seja distorcida através das idealizações e do estabelecimento do DJ como artista de sucesso, como um ídolo.

“Responsável principal pela seleção, mixagem, sequência e, em alguns casos, produção das músicas que fazem os corpos se movimentarem na pista de dança, a figura do DJ tem um protagonismo ímpar nas culturas da música eletrônica. O protagonismo dessa figura, hoje em dia, ultrapassa largamente as cenas juvenis mais underground, ascendendo às luzes da ribalta na paisagem social: de facto, atualmente, muitos DJ’s adquirem o estatuto social de celebridade, de super-star (Phillips, 2009; Brewster; Broughton, 2006; 2010). Viajam por todo o mundo em turnê pelos principais clubes, festas e festivais de música, conseguindo obter, simultaneamente, dinheiro, prazer, realização pessoal e reconhecimento social da sua atividade. Constituem, assim, não apenas referências musicais para cada vez mais jovens, mas também referências de um estilo de vida identificado pelo sucesso, fama e glamour.” (FERREIRA, 2017, p.474).

É um sonho que mexe muito com questões do ego e de um ideal totalmente fora da realidade da maioria das pessoas. Até para o Alok e seu irmão Bhaskar que nasceram e cresceram em uma família em boas condições dentro do meio eletrônico, o sucesso não surgiu rapidamente. Eles demoraram mais de 10 anos para fazer sucesso, tiveram que varrer chão de boate em Amsterdã, foram produtores de eventos, o que, inclusive, nunca pararam de fazer.

Atualmente Alok e Bhaskar trabalham em várias áreas que envolvem a cena eletrônica mundial e gerenciar este festival internacional “Universo Paralelo” é um desses papéis. O festival onde todos os DJ’s do mundo querem tocar, e onde os que chegam, vivem a experiência de forma quase inacreditável, a realização de um sonho é uma linha tênue com a realidade.

“Cara, teve...que eu achei que até sei que você já imagina que o top 1 dos momentos felizes foi tocar no Universo Paralelo.” (BACKSPIN).

“Foi em 2006 a loja era Freeak, foi quando eu comecei a entrar em contato com os grandes núcleos de festas e festivais para colocar os ingressos para vender na nossa loja, na época era o maior point de vendas de ingressos, mais até do que a Chilli Beans que era referência em vendas de ingresso por um tempo. Nós bombamos de vender e foi aí que o meu contato com o pessoal do Universo Paralelo começou, eu conheci os irmãos gêmeos Alok e Bhaskar que na época tinham um projeto juntos de psy trance que chamava Lógica, o Swarup pai deles e a Ekanta a mãe deles. Também conheci pessoas de outros festivais grandes como o Trancendence, Cachoeira Alta e muitos outros festivais internacionais.” (ECHO).

O que fica muito evidente é que é preciso estar nos lugares para ser visto e ser lembrado, o DJ precisa frequentar a noite, ao mesmo tempo em que cava

suas oportunidades, e até quando pensam que eles estão se divertindo, estão trabalhando. O trabalho nunca para e a preocupação em não ser esquecido é constante.

“O artista é cheio de receios sobre o que fazer, o que postar, porque na verdade estamos tentando agradar os outros, o público e nem sempre é o que rola, temos receios em tomar decisões.” (ECHO).

“Tem a ver com a vaidade, acelerar o processo de ter sucesso, ele não quer construir um sucesso...ele quer tê-lo, como se você pudesse ir ali e comprar um pão. Ele não quer pegar o trigo lá no pasto, massar o trigo, fermentar...não sei mais o quê...assar o pão...ele não quer, não quer construir o pão ele quer comprar o pão, as pessoas querem fazer isso com a carreira!” (REVERB).

A todo tempo a imagem do artista aparece como um fator supervalorizado da atualidade, sabemos que isso não é novidade, muitos autores estudam hoje a valorização da imagem em detrimento do conteúdo, os fatores de risco para esses discursos de: - “você pode tudo!”, soa como um coach que vende fórmulas baratas para um sucesso astronômico, que não pode ser garantido. Mas grande parte da sociedade deslumbrada compra essa ideia, contudo, como a pesquisa mostrou, não existe atalho, não há como encurtar o caminho, a caminhada do DJ é longa e individual. Cada um vai ter um tempo, um jeito e oportunidades diferentes.

“Existe sim muito conflito de identidade, o manager muitas vezes tem muito poder nas mãos, porque é quem investe muitas vezes financeiramente no artista e quando o artista faz algo que não gosta ele entra em depressão né, fica triste, desmotivado. O Alok mesmo sempre se mexeu muito por isso, ele se viu desmotivado com o Lógica e aí foi correr atrás de algo que era só dele, ele teve depressão crises de ansiedade até hoje ele não ter rótulo algum, foi muito criticado quando misturou eletrônico com sertanejo, com funk, mas é isso, hoje o DJ pode ser artista como um outro músico qualquer, que toca instrumentos e canta.” (ECHO).

“Você pode sustentar sua identidade e sua ideologia, desde que constantemente vá se adequando a situação do momento, porque acho que, até na natureza né, quem não evolui é extinto, então é uma questão de...mesmo que cê seja sei lá, o cara do estilo techno x ou do estilo comercial y, o ícone da coisa da parada mais conceitual tanto de um lado quanto do outro, se cê não se reinventar dentro do seu próprio mundo, a, a vai desabar. David Guetta, quantas vezes você viu ele se reinventando?” (REVERB).

As questões de identidade começam a aparecer de forma mais explícita, é importante lembrar que todo artista precisa, se não unificar sua personalidade com o personagem que criou, tentar separar-se totalmente dele para seguir com certa normalidade uma parte da vida pessoal, como mostra os trechos a seguir:

“Hoje em dia o DJ ele tem que construir uma imagem dele total ali para o pessoal gostar dele, ainda mais com essa aproximação aí com a rede social saca? Aí hoje em dia isso faz muito muito mesmo, conta demais pro sucesso do cara véi.” (BACKSPIN).

“É porque antes era pela música né? Hoje em dia é pela imagem, conta muito né? O cara ali tem que estar bonitinho hoje, tem que estar botando a cara, o cara tem que agradar o público, ele é literalmente um artista né... Deixou de ser só um músico ou produtor, para ser um artista mesmo...quase que dá globo mesmo...com um sorrisinho bonitinho, rostinho bonitinho...é...às vezes até um personagem né, a gente vê aí...o próprio Mandragora é um personagem, o Chapeleiro é um personagem, como vários outros...até...o Alok eu não falo que é um personagem porque ele é realmente a pessoa que ele é fora do palco ele é também como pessoa sabe, ele conseguiu trazer muito da identidade dele próprio pro palco, mas tem muito cara por aí que não é no palco, o que ele é como pessoa, ele incorpora um personagem no palco, e fora do palco é completamente diferente...é aí que entra, não só DJ's, mas outros cantores também como a Paula Fernandes por exemplo, a carreira dela decaiu, igual essa menina aí do BBB a Karol Conká, acabou com a carreira dela em sete dias tá ligado? Porque ela é uma baita de uma cuzona e mostrou isso lá dentro dessa casa saca? É muito marketing, muita imagem saca?”. (BACKSPIN).

Percebemos com isto que todos os sentimentos envolvidos nesta profissão são intensos e primitivos, o sucesso para eles seria a ausência da falta, um nada faltar que quando tem êxito pode ser fatal, a vitória da angústia se assim podemos dizer.

Segundo Maliska (2013), et al. “Freud (1926[1925]), em *Inibição, sintoma e angústia*, apresenta a angústia como uma reação sinal ante a perda de um objeto, em que o sujeito ficaria angustiado frente à possibilidade da perda desse objeto.” De que forma podemos explicar então a angustia que surge mesmo quando o sujeito já chegou onde desejava na carreira? Em seu estudo, Malika desenvolve o seguinte pensamento:

“Nesse sentido, o que se inscreve é de que nada pode faltar, ora se nada pode faltar isso já é a angústia, porque o sujeito é constituído na e pela falta, conceber algo no campo da linguagem que não pode faltar é a iminência da angústia senão ela própria. Suportar essa falta é a possibilidade de desejo, pois não há desejo que não seja atravessado pela falta.” (MALISKA, 2013, p.82).

Até aqui ficou evidenciado que a sensação de plenitude e completude esperada ao se alcançar o sucesso se distancia e muito de como as coisas realmente acontecem para eles. Nas palavras de nossos entrevistados, ser DJ é lidar com frustrações sucessivas. Mesmo aos que conseguiram chegar no ápice, o sentimento de angústia se torna constante, as dificuldades não cessam

por causa do sucesso posto, por vezes aumentam de formas diferenciadas como vimos. Sobre isso, o autor Maliska diz:

“Voltando a questão do sucesso/fracasso, o sucesso que o sujeito almeja é uma tentativa de felicidade garantida, de conquista ilimitada, de ausência de castração e de um gozo infinito. Se o suicida busca essa saída totalizadora de uma forma extrema e angustiada, o sucesso também é para o neurótico uma saída totalizadora e extrema, que pode de igual forma provocar uma angústia insuportável. Para o neurótico, o sucesso seria alguma espécie de realização em que nada pode faltar.” (MALISKA, 2013, p. 84).

Movido por essa forte paixão o DJ vive então em busca do seu nada faltar, a pesquisa mostra que o ‘modelo’ que muitos acreditam existir, a fórmula do sucesso, na verdade não existe, é idealizado, é uma ilusão.

Se tratando da arte, do ser humano e suas formas de amar e se expressar, não existe um padrão que garanta o resultado para todos de forma equivalente, tudo é muito subjetivo e em todo momento a carreira artística é atravessada pela expectativa que vem do outro, a quem se quer agradar.

Como sabemos é impossível agradar a todos, a frustração aparece repetidamente. Sendo assim é justamente através das frustrações que esses profissionais podem catalisar com certa recorrência a falta em suas vidas, assim vão sustentando seus desejos, atualizando suas faltas e criando novas. Ou seja, de acordo com eles o sucesso é construído de fracassos.

Podemos perceber muitos pontos de sofrimento nos discursos de nossos sujeitos. Preocupação excessiva, frustrações em demasia, situações de rechaço e desvalorização sofridos por eles, mesmo já sendo famosos. O que a dimensão do sucesso mostrou para nós é que é preciso gestão da carreira, profissionalização, e manejo emocional alinhados. Se por acaso isso não ocorre, muitos percalços podem surgir que acabam dificultando ainda mais o cenário, podendo ser muito prejudicial a saúde como um todo, e até situações extremas de sofrimento psíquico.

4.3 Obstáculos nas trajetórias dos DJ's

Nesta categoria iremos apresentar trechos em que os entrevistados apontam casos de sofrimento mais recorrentes com os DJ's atualmente, eles trazem uma perspectiva muito interessante sobre os pontos mais difíceis da profissão, sobre o mercado, e o resultado negativo dos excessos e faltas, sucessos e fracassos, em suas vidas.

“É um mercado bem, bem, bem cruel, cochilou o cachimbo cai memo, a página vira num instante, hoje é tudo muito perecível dentro da música.” (REVERB).

Como ficou perceptível até este ponto, são muitos os revezes que podem ocorrer pelo tortuoso caminho de tornar-se um DJ. O mercado que só visa o lucro e o consumo da imagem e da arte, por vezes faz parecer que não existe um ser humano ali por trás, que sofre, sente e se angustia. Como se todos fossem apenas um produto a ser comercializado. Sobre o desafio com o próprio trabalho em maior parte os *haters*, como são chamados os críticos das redes sociais, se aproveitam do espaço digital para direcionar todo tipo de ofensas e críticas possíveis, quando o profissional não entrega o que é esperado por eles.

“Eu já tive muito *hater* já, e antes eu não sabia aceitar muito bem, mas hoje eu vejo que...quanto mais *hater* você tem, mais certo a coisa tá dando...sabe? Mas antes eu não sabia ouvir, mandava os caras tomar no cú, ficava brigando com os cara e isso eu acho que até foi uma das coisas que já me atrapalhou muito, eu dar bola para esse tipo de gente, mas hoje em dia eu...não dou mais, não dou muita atenção mais não, eu fico mais tranquilo sabe? Mas eu já errei em dar até atenção demais para esse tipo de gente já! Ao ponto de fazer muito mal mesmo! A vontade é de sumir.” (BACKSPIN).

“Tem que lidar também com os *haters*, as críticas que sempre vem, e aí ele lida com grandes frustrações, porque muitas vezes o artista se apega no comentário da crítica e toma aquilo como uma verdade e pensa que todos podem estar pensando o mesmo.” (ECHO).

Nesse contexto atual de uso exacerbado das redes sociais, a prática de *hater* com artistas parece ser muito comum. Pelo visto o público não tem uma mínima noção do que os comentários maldosos podem causar nesses sujeitos, e em função disso, os mais experientes têm falado muito sobre sua trajetória nos meios de comunicação. Sempre que podem eles falam sobre as dificuldades que enfrentaram e ainda enfrentam em seu dia a dia.

“Não acha que é fácil mesmo e cuida da saúde, porque esse trem vai te consumir por dentro e por fora, vai acabar seu corpo e vai acabar com a sua mente. Se você não tiver mentalmente e fisicamente saudável, você

vai ser trucidado, porque você vai ter que lidar com muita pressão, muita dor de cabeça, muito desgaste físico, muito mesmo! É sinistro, pode ter certeza que é conviver com a dúvida 24/48 horas por dia.” (REVERB).

Não é de hoje que somos bombardeados por uma série de notícias de DJ's brasileiros e mundiais que estão passando por momentos de sofrimento extremo. O caso do AVICII e do Erick Morillo são os mais recentes, que acabaram em tragédia. Segue um trecho de uma notícia sobre a morte de Morillo que saiu em uma página online de assuntos sobre o mundo business eletrônico, ALATAJ³:

“No dia 1º de setembro, Erick Morillo foi dado como morto dentro de sua casa em Miami pela polícia local. O chamado aconteceu por uma pessoa próxima a Erick, que após vários dias sem ter notícias, resolveu visitá-lo e o encontrou desacordado em sua cama. O artista tinha sido preso em agosto deste ano após um laudo sob acusação de estupro em dezembro de 2019, envolvendo uma DJ, ter dado positivo. Segundo o laudo do Departamento de Medicina Legal do Condado de Miami-Dade a morte do DJ nascido em Nova Iorque e criado na Colômbia, foi causada por overdose de cetamina, MDMA e cocaína. Sua morte aconteceu dias antes de se apresentar à corte de Miami para receber sua sentença, o que ocasionou revolta e especulações na Internet além de outros casos de estupro e assédio sexual atribuídos a Erick aparecerem. Erick foi um dos DJs mais bem pagos que a club scene presenciou, além de ser dono de hits como I Like To Move It, trilha sonora do filme Madagascar da Dreamworks.” (STANCCIONE, 2020. p 1).

A vida e a morte de Avicii influenciou diretamente o funcionamento da indústria da música eletrônica nos últimos anos, como mostra um trecho do artigo para uma das conceituadas revistas digitais de música eletrônica no Brasil, a Play BPM:

“Com tudo o que aconteceu, Hardwell e Carnage resolveram dar uma pausa na carreira em 2018, influenciados pelo hiato que Tim anunciou em 2016. De acordo com trechos do documentário “Avicii: True Stories”, imagens mostram as consequências da rotina exaustiva de trabalho e apresentações do DJ, que desencadearam ansiedade e vício em bebidas alcólicas que por sua vez ocasionou pancreatite aguda, o que levou a ele ter sua vesícula biliar e apêndice retirados. Na recuperação, ele teve dependência de opióides, chegando a tomar 20 pílulas por dia, pois não podia comer ou beber sem sentir dor. Esse caso reacendeu o debate sobre trabalho excessivo na indústria musical.” (ZANE, 2019, p.5).

Sua vida deixou marcas profundas em outros artistas que cruzaram seu caminho, seu amor pelos fãs, sua paixão pela música criou novas possibilidades, misturando eletrônico com o country tradicional americano, inovando o mercado.

³ Link de acesso á revista eletrônica <https://alataj.com.br/noticias/causa-morte-de-erick-morillo>

Sua morte provocou na cena eletrônica um momento de vazio e reflexão, trouxe a falta como uma mensagem.

Desde então, alguns DJ's vêm repensando suas carreiras, outros pararam de tocar, muitos tem falado em suas redes sociais sobre o ritmo acelerado que tudo tem tomado e os reflexos de toda essa pressão para a saúde. Outras pessoas do meio em geral, vêm alertando a galera mais jovem que acredita que a vida de DJ é só glamour, sobre os desafios desse processo que pode ser longo e penoso por vezes. Contando sobre seus obstáculos, eles seguem sua trajetória agora cada vez mais conscientes diante de suas realidades, alguns também têm se aberto mais para falar sobre a saúde mental.

Como a Jornalista Vitória, que escreveu um artigo sobre a carreira de Avicii para a Play BPM:

“Avicii colocou a música eletrônica no mapa mundial e dedicou sua vida a música, com muito amor pelos fãs. Sua jornada nos mostra que o mais importante nisso tudo é valorizar as coisas simples da vida: saúde, família e amigos, além de cuidar do nosso físico, mental e emocional.” (ZANE, 2019, p.5).

Visto que geralmente o interesse pela profissão ocorre muito cedo, os jovens por vezes têm um primeiro contato com o meio de forma bem tortuosa. O uso de drogas aparece como porta de acesso, o meio eletrônico é conhecido por ser alternativo e acolher as diferenças, como mostra este trecho da entrevista de REVERB, e que em nossa pesquisa vimos que não é incomum:

“Eu era adolescente do rock and roll, comecei a usar drogas, só para variar, aí fui passar férias em Trancoso, com a galera que desse tempo era do rock, aí nós fomos parar num lugar que chamava pé na praia, não, nessa época chamava Vegetal. Tava tendo uma festa lá duns maluco, duns gringo, e aí chegamo lá, tinha um monte de bandeira colorida e um monte de luz neon, e uma galera muitoooo louca, e eu era meio contra qualquer coisa da música eletrônica, eu era do rock! Mas lá tinha droga né, então vão lá atrás das drogas.” (REVERB).

Quando o jovem chega no movimento ele não conhece o ambiente, ele não tem ainda uma noção de que é uma cultura muito diferente, aonde as drogas são facilmente acessíveis. Existe também algo a mais na batida eletrônica, é uma batida em 4/4, são consideradas batidas hipnóticas, que acessam emoções nas pessoas, muito fortes e profundas em um campo anterior ao da linguagem, o corpo. Podemos conferir na fala de REVERB como isso aparece:

“Aí eu me droguei lá e de repente eu falei nossa! Essa música é muito mais poderosa que o rock, isso aqui é muito mais agressivo, é mentalmente perturbador!! Isso aqui é profundo! Aí nesse dia tava lá, não esqueço nunca! Celso, Mark, Max LaFranconi, eu tinha acabado de fazer 18 anos, era 2000.” (REVERB).

O que ficou perceptível é que os sujeitos mais maduros e realistas que levam a profissão mais a sério como uma empresa de fato, tendem a se desenvolver melhor no mercado, de forma gradual, porém contínua e duradoura. Já os mais sonhadores, com o contato com a realidade mais precário, tendem a sofrer mais, pois apresentam dificuldades de gerir a própria vida, podem ter visões mais distorcidas da própria realidade, com consequências significativas para suas carreiras.

“A galera que é mais deslumbrada que o baque é maior, a galera da cena, a droga ela te ilude muito, ela faz a falsa sensação de que tá tudo muito bem, ou dependendo de qual que é o seu grau de dependência da droga e qual droga é, te faz ter a sensação de que tá tudo muito mal, às vezes seu quadro nem é tão ruim assim e a droga faz você achar que táa...Grrrrrrr....Cansei de ver nego aí com carreira fenomenal, chorando as pitanga, que o cara tá deprimido de tanta droga que eles tomam, não é porque a vida deles tá ruim não. Ele tá ruim, não a carreira dele, às vezes a carreira tá bem o cara que tá mal. Um grande exemplo disso era o Erick Morillo, cara era um mega star do house, da primeira geração de superstar business, bilionário, e vivia afundado na droga, teve que ir para a reabilitação várias vezes. Avicii se suicidou e aí vai embora véi, o Morillo suicidou. Muita treta, muita treta mesmo.” (REVERB).

Avicii tirou a própria vida ao ser reconhecido num hotel na cidade de Omã, por duas meninas fãs de seu trabalho como DJ, mesmo quase 2 anos após o anúncio do fim de sua carreira. No caso dele, houve uma completude que nunca se desfez. Sua imagem, seu rosto, seu nome, nunca mais seriam os mesmos depois de tanto sucesso.

Como voltar atrás depois de ficar mundialmente conhecido? Não dá para desfazer o caminho do sucesso que o show bis representa. Avicii era apaixonado pela música, se descrevia como introspecto e tímido, queria mais produzir do que se apresentar em grandes palcos e festivais. Ele queria só fazer música, mas o mercado e a paixão o consumiram por inteiro. Seria esse o último grau do sucesso, como aconteceu com outras estrelas mundialmente conhecidas. Amy Winehouse, Axl Rose, Kurt Cobain, Champignon do Charlie Brown Jr., e o próprio Chorão que morreu de overdose.

Segundo Brandão (1986), conforme citado por Teixeira & Moreira (2013, p.190), “O outro é um diferente e, por isso, simultaneamente, atrai e atemoriza, e o esforço em traduzi-lo e explicá-lo, ou seja, em reduzi-lo a uma realidade viva, implica rejeitar o reconhecimento da diferença.”

A tentativa de agradar a todos unido ao não reconhecimento da diferença nesta profissão gera muita comparação e cópias. Principalmente nesta questão com o Outro, que de acordo com Teixeira & Moreira (2013), são por seu estado natural relações conflituosas em si mesmas. Isso acaba gerando no profissional a falsa sensação de que precisam competir por um lugar específico no *ranking* dos DJ's, nacional e mundial que é promovido por grandes produtoras.

Sendo assim o Outro para o DJ é o público, que é um Outro cruel, crítico, injusto e agressivo em maior parte do tempo. Cair nas graças do *pop* tem seus custos altos. Cada vez se fala mais sobre a forma tóxica que a comunicação na internet tem tomado. Este Outro que idolatra o DJ e diz que o ama quando está satisfeito, também é o mesmo capaz de invadir de tal forma que não há como voltar, não dá para desfazer o sucesso e a exposição. Não tem como fazer o caminho inverso e deixar de ser famoso. Lembremos o caso da ex-atriz global Ana Paula Arósio, que após o suicídio do ex-noivo, decidiu se afastar dos holofotes e mesmo assim, até hoje, ainda é tema de matérias de jornais e revistas quando falam sobre escândalos do showbiz, fica o estigma e um rosto famoso que jamais será esquecido.

Em contrapartida, temos o outro lado, o fracasso, que muitas vezes é insuportável, podendo levar a formação de vários tipos de sintomas. Quando o DJ lida com essa falta diante de algo, ele precisa rapidamente encontrar outras formas de significação para isto que lhe falta. Um novo jeito de fazer, um novo formato, um novo olhar. Em caso de não conseguirem encontrar estas novidades, muitos acabam ficando psiquicamente doentes de maneira que quando lhes falta o sentido, o desejo de desistir se faz presente todo tempo, podendo se apresentar em forma de depressão, podendo levar ao suicídio em casos mais graves.

“Sim! É foi... foi primeiramente é... uma coisa traumatizante sim, eu já tive depressão, já fiz terapia e já tomei remédio...já tive ansiedade e pânico, por esse fato de não ter a grana para poder fazer algumas coisas, já quis desistir de tudo muitas vezes, até de viver!” (WHITENOISE).

Dá vontade de desfazer de tudo que era um recurso, que ia fazer mais efeito para mim a grana às vezes na mão do que ter aquele equipamento que me fazia passar raiva às vezes, que me fazia querer desistir, porque eu ia tocar na balada o cara queria me pagar R\$ 50,00. Que daria para mim poder pagar meu transporte e um lanche e a volta para casa novamente. Às vezes nem isso o contratante queria...só simplesmente me dá umas entradas para alguns amigos e... e uma bebida para mim poder curtir a minha noite ali e pronto, eu tinha que arcar com meu transporte e alimentação para poder ir me apresentar então eu pagava para trabalhar né, não tinha essa visibilidade tanto que aquele era um trabalho... todo mundo achava que era muita diversão né, um pouco bem diferente do que tem hoje em dia, e aí hoje em dia para poder ganhar dinheiro tem que estar daquele nível que eu citei anteriormente, né...que você tem que estar no nível muito alto para poder realmente ainda a ser valorizados devidamente.” (WHITENOISE).

O uso de álcool e outras drogas são comuns nestes eventos. Como vimos é inclusive oferecido como forma de pagamento pelo trabalho, e acabam por ter a função de tamponar por um tempo todo esse sofrimento que a falta impõe, os sintomas se escondem por de trás de um véu imaginário de uma perfeição impossível de ser alcançada, como produto de tal padrão, temos o suicídio como uma saída para uma vida que se esvaziou em seu sentido. O sonho que ao se realizar não deixa mais nada para que seja galgado, não há mais sentido em ser tão grande, tão famoso e tão cheio de sucesso se o último grau seria pôr tudo a perder, perder a graça de ser DJ.

“Muitos DJ’s bebem, os mais jovens de cena bebem mais, muitos usam drogas para ficar ali nas festas querendo fazer network, alguns artistas menores que são fãs de outros artistas grandes, geralmente querem ficar na festa para conhecer o ídolo e por aí vai, muitas vezes eles se deslumbram, fazem comparações com outros artistas, e aí cresce uma angústia muito grande!” (ECHO).

“Já o DJ mais antigo de cena, ele prefere hoje em dia receber um cachê maior, dormir mais, as vezes pegar um voo mais tarde para dar tempo de dormir, nós da agência nos preocupamos muito com a questão da alimentação e do sono, geralmente programamos as viagens para de tarde e também sempre colocamos os artistas, principalmente os internacionais em hotéis que tenham a cozinha funcionando 24 horas, pois eles chegam de madrugada das festas as vezes. DJ não tem hora, e aí ele vai chegar com fome e querer comer, enfim, a vida da noite desgasta a mente, o ouvido a saúde mental, o físico muitas vezes a gente recupera, toca o fim de semana e fica em casa a semana toda descansando, mas o cansaço mental, a cobrança de resultado não para!” (ECHO).

Quando tudo parece estar por um fio é que o DJ precisa se reinventar, quantas vezes forem necessárias. Aqui, o artista precisa de suporte para dar novo sentido a sua vida, a sua profissão, a sua saúde. Para que dessa forma ele possa sonhar, sonhos novos, mais reais e palpáveis, que de alguma forma

estejam mais equilibrados com o estilo de vida que tudo tomou no decorrer dos anos. São raros os casos de DJ's que simplesmente param de tocar. Em sua maioria, ao ganhar mais experiência no mercado eles tendem a evoluir com ele e com lado administrativo que a carreira demanda. Encontrando outras saídas possíveis para o sucesso, superando estes percalços a seu modo específico, como podemos comprovar com os relatos a seguir:

“Outra dificuldade do DJ hoje é a velocidade da produção de conteúdo e a concorrência né, que aumentou drasticamente, se manter no topo do mercado requer muito do artista hoje, uma reinvenção constante. A vida de DJ desgasta e muito! São noites sem dormir, alimentação ruim, a idade vai passando e tem muita perda de tempo.” (ECHO).

“É muito importante ter um sono bem regular, alimentação. Porque isso tudo acaba pesando muito no emocional, principalmente o sono, eu só fui ver que isso era muito importante o dia que eu fui regular o sono. eu comecei a acordar cedo e dormir cedo véi, quando eu tinha o sono todo desregulado o meu desempenho não era bom, não era bom mesmo (...)o processo criativo de criar as músicas, antes eu ficava de madrugada produzindo, não era legal..e aí eu comecei a acordar todo dia 8 horas da manhã e dormir tipo meia noite, aí eu comecei a ter um rendimento bem melhor para produzir. A alimentação, infelizmente é difícil ter uma alimentação regular boa, quando você tem uma rotina meio quebrada assim quando toca bastante e viaja muito, mas não é impossível!! Se a pessoa quiser mesmo ela consegue. Mas o sono, ele é muito importante mesmo, eu pelo menos vejo dessa forma. (BACKSPIN).

Como podemos perceber, o cenário de trabalho de um modo geral não é muito saudável, todos os nossos sujeitos de pesquisa falaram a respeito das noites sem dormir, consumo de bebida alcoólica e outras drogas e problemas com alimentação em suas entrevistas. Também se constatou o uso de medicamentos para dormir, para ansiedade e para depressão em nossos entrevistados. Para além de ser algo individual, eles fazem uma crítica ao meio eletrônico que aparece neste contexto da seguinte forma em três dos relatos, vejamos exemplos:

“Mas o problema eu acho que é o meio. Começa que, no início todo mundo tende a ser muito louco, são poucos que são muito bem sucedidos e sempre foram caretão. A maioria já foi muito doido e tirou o pé em algum momento porque falou, ou eu cuido de mim e continuo fazendo isso ou eu aproveito a loucura mais um tempo e depois eu já era.” (REVERB).

“(…) infelizmente é um meio muito injusto com as pessoas e... tem que dar valor a quem está correndo com você de verdade, porque infelizmente o que tem de gente interesseira e para te apunhalar nas costas e passar a rasteira em você, não tá escrito, não cabe na folha de papel não, é bizarro! Então não dar mole para qualquer um não por que é foda, é muito complicado, o jogo de interesses é muito grande nesse meio, adoece mesmo.” (BACKSPIN).

É um panorama preocupante visto pelo lado da saúde, um compilado de situações adversas e por vezes prejudiciais para a saúde como um todo, atrelado com um mercado extremamente competitivo e que demanda muita agilidade nas inovações e produções em massa, exigindo imagens perfeitas. Isso mostra a todo momento que sem um suporte específico o artista pode se perder nos caminhos do seu próprio sonho. Visto isso iremos discutir um pouco sobre saúde e profissão, quais parâmetros são utilizados atualmente e quais estratégias os artistas e *managers* tem utilizado para auxiliar nessa questão.

4.4 Saúde x Profissão

Nesta categoria pretendemos expor o que encontramos na trajetória dos nossos entrevistados, que possam ser indicadores de patologias do trabalho. Abordaremos o tema discutindo trechos das falas dos DJ's sobre a importância do cuidado com a saúde mental do DJ. Abordaremos o tema da síndrome de Burnout, muito recorrente entre os DJ's. O tema é de muita relevância, principalmente durante e após o cenário da pandemia de covid-19 que ainda é uma incógnita.

“Quando eu era mais novo, eu me sentia muito na obrigação de agradar o público, agradar o contratante, agradar meus amigos. Depois eu fui ficando um pouco mais velho e comecei a chegar na conclusão que quem agrada demais não agrada ninguém, cê deixa de ter personalidade quando você agrada todo mundo, ...” (REVERB).

Neste trecho podemos constatar que existe uma necessidade grande de agradar o Outro neste trabalho. Com a experiência, eles tendem a encontrar um equilíbrio entre a própria identidade musical, seu nicho, sua técnica e a administração da carreira, horários, alimentação. Aqui se faz importante pontuar que esse equilíbrio é adquirido pelo conhecimento dessas áreas unido ao autoconhecimento de si enquanto sujeitos que são DJ's.

Este autoconhecimento pode vir através de variadas formas, como psicoterapia, terapias diversas que permitam a auto percepção, e o desenvolvimento da espiritualidade, podem ser usados como forma de conexão com a sua música, evitando as comparações que ficam evidentes a todo momento, como neste trecho:

“Eles ficam se comparando ao invés de pensar: O que eu poderia fazer para melhorar? Eu penso também que outro grande diferencial do Alok é isso, ele compete sempre com ele mesmo e não fica se comparando

com o trabalho do outro, o lance é a gente achar a nossa identidade, mostrar a nossa verdade e é isso que vai vender, ser melhor do que ontem a cada dia e não ser melhor que o fulano de tal.” (ECHO).

“Você vê o cara estourando ali e você fala, mano, que que isso que tá acontecendo? e cê vai e começa a se comparar com o cara, aí cê fica nó... eu sou muito merda mesmo...puta que pariu porque, onde que eu deixei escorregar para esse cara ta bombando e eu , minha vida inteira tô aí a um tempão, já tive lá no topo, com os grande agora chega esse zé mané aí com essa música horrorosa e tá estourando, cara copia as músicas dos outros descaradamente também, tá bombando mas a qualidade do cara é horrível, aí com o tempo cê começa a entender que não é só a música sabe? É um monte de coisa assim... que cê deixa até escapar às vezes, até o seu jeito de ser às vezes com pessoas, sabe? Você começa a ver que o mercado da música é muito mais além que, não é às vezes, na verdade o mercado da música é muito mais além do que a música só sabe?”. (BACKSPIN).

Com isso é possível constatar, os casos de comparação podem levar a crises de ansiedade e à formação de outros sintomas. A carga excessiva de trabalho, pode acabar configurando um quadro patológico conhecido por síndrome de Burnout, um cansaço excessivo mental e psíquico ocasionado pelo trabalho.

Dejours (1987) vai falar que, o trabalho enquanto uma organização vai exercer uma força específica sobre o homem, e seu impacto é no aparelho psíquico. Que em determinadas condições faz emergir um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre um sujeito e sua história real e individual, é portadora de projetos, de desejo e esperanças que as organizações de trabalho ignoram.

“Burnout é um verdadeiro problema de DJ: Para as pessoas que não estão numa profissão criativa específica (como produzir, Djing, ou qualquer forma de arte), o conceito de que se cansariam soa absurdo. Sempre que um DJ em digressão fala sobre a necessidade de descansar, ou um produtor superstar afirma que lhe falta inspiração para fazer novas músicas, pode parecer um pouco um problema de primeiro mundo. Mas isto é muito comum - e não apenas em campos criativos. Aqui está uma lista rápida de sentimentos que poderá ter quando estiver com Burnout:

- baixa motivação
- uma sensação de estar "drenado"
- baixa energia para realizar tarefas básicas - mesmo aquelas que você ama
- perda do apetite e da paixão.” (WHITE, 2018, p. 1)

Para ilustrar este caso segue trecho postado recentemente, em 25 de março de 2021, onde um dos representantes do duo de DJ's de Belo Horizonte, conhecidos em todo território nacional como Clubbers. Luis, que é mais conhecido por seu apelido (Bozito), anunciou que vai dar um tempo na carreira de DJ em função de muita demanda, o artista relatou no Instagram do Clubbers⁴:

“Bom vocês já devem tá imaginando porque eu tô gravando esse vídeo, e é isso mesmo! Eu estou me desligando do projeto, e eu tô me desligando simplesmente porque a minha vida mudou! Quem tá aí na correria da vida de artista, de DJ, sabe o quão é puxado isso, os bastidores, viagens, logística. O nosso psicológico, a nossa saúde está sempre sendo afetada, eu tava tendo muita crise de ansiedade, tava tendo paralisia do sono, tava tendo um cansaço excessivo assim nas logísticas né, voo, show, hotel. E aí eu então resolvi vir aqui para Estados Unidos para dar um break mesmo né, passar um tempo aqui com a minha namorada, e aí o mundo virou de cabeça para baixo, explodiu o coronavírus, que inclusive já deu né!? E aí a minha vida simplesmente mudou, e morando aqui eu não consigo dar atenção para o projeto do jeito que ele precisa né, eu fico limitado de fazer algumas coisas pela distância, e também pensando em não atrapalhar o John em nada, e o projeto continuar crescendo eu resolvi me desligar do projeto.” (BOZITO,2021).

No relato de Luis, fica explícito os sintomas que ele descreve como decorrentes da profissão de DJ: crises de ansiedade, paralisia do sono, cansaço excessivo. Em nosso ver, estes sintomas podem estar denunciando uma patologia decorrente do trabalho de DJ, que resvala para o resto das dimensões de suas vidas. A depressão é muito comum em casos de profissões com privação do sono, ou em que o trabalhador entra em contato com a morte, ou com sentimentos desprazerosos com frequência excessiva, como é o caso da frustração sofrida pelo DJ. Em entrevista para o Folha de São Paulo, em 26 de março de 2021, Alok falou:

“Eu tive um colapso aos 9 e aos 12 anos. Foi depressão mesmo, o que era tabu. Como assim, uma criança? Era difícil explicar. Diziam: ‘É preguiçoso, desinteressado’”. (ALOK, 2021, p.4).

Na entrevista ao *Flow Podcast*, Alok falou sobre o mesmo momento de sua vida, disse que queria morrer aos 12 anos de idade. Um sintoma grave assim poderia já naquela época estar denunciando que a profissão de DJ tem um viés

⁴ Link de acesso ao vídeo no Instagram: <https://www.instagram.com/tv/CM0MU06Hfx4/>

um tanto quanto negativo demais para sujeitos tão jovens, uma vez que estes ainda estão em constituição.

Tendo em vista que pouco provavelmente adolescentes de 11 anos sabem verdadeiramente o que realmente querem fazer para o resto de suas vidas. Alok e Bhaskar foram muito influenciados pela vida que seus pais levavam. Acaba que neste meio você precisa de referências para crescer, você precisa de suporte para evoluir e precisa de muita força de vontade para não desistir pelo caminho.

Freud (1974) vai dizer que, as atividades de cunho profissional, se constituem enquanto fonte de satisfação, se for escolhida livremente, ou seja pela sublimação é isso que torna possível que os sujeitos utilizem de suas inclinações mais profundas, seus desejos mais constitutivos de forma reformada.

Isso quer dizer que o jovem que hoje pode escolher ser DJ, acaba por escolher livremente e ter mais facilidade de aceitação social e familiar, podendo vir a ser muito satisfeito com o que se propôs a fazer, isso explica a quantidade enorme de DJ's na atualidade. O jovem contemporâneo encontra então uma forma de driblar o desprazer do labor.

Freud (1974) ainda vai dizer que o trabalho não é tomado como caminho para a felicidade, ou prezado de fato entre os homens. Que não se esforcem com o trabalho, como se esforcem em outras áreas da vida em que possam obter satisfação. A maioria dos sujeitos só trabalha sob necessidade e pressão, isso ocasiona o que Freud chama de aversão humana ao trabalho, o que acaba suscitando em problemas sociais difíceis de solucionar.

Como vimos o DJ consegue com este trabalho em ambiente de festas, unificar prazer e labor, onde nenhuma das dimensões é anulada. Existe satisfação e insatisfação, porém a possibilidade de escolha torna a sublimação tão potente, capaz de fazer o DJ sentir que tem a profissão dos sonhos, propagando essa ideia, outros jovens podem buscar escolher o mesmo caminho por identificação.

Um comportamento apontado por todos os sujeitos desta pesquisa que pode ser entendido como um sintoma, foi o de se comparar ao outro, se comprar a quem está 'no mesmo nível'. Essa comparação além de nociva para a saúde subjetiva do artista, faz muito mal para toda a cena em questão, uma vez que esse comportamento vai sendo passado para frente provocando generalizações.

Comparações acabam por afastar os sujeitos de sua própria identidade a ser encarada e desenvolvida, podendo deixar lacunas em sua personalidade que ainda está por se constituir muitas vezes, em função da entrada dessas pessoas ainda tão jovens de cabeça neste sonho tão difícil de realizar.

Para Dejours (1992), a qualidade do sofrimento vai se relacionar diretamente com a história de vida sujeito e sua cadeia biográfica. Em outras palavras, quando as condições externas explicitam essa cadeia, ocorre um encontro entre a realidade atual, com as relações parentais infantis.

Para o DJ o desgaste vem de todos os lados. Quando o artista não está preocupado com sua saúde desde o início da carreira, ele pode sofrer ainda mais, não se resguardando em levar uma vida mais saudável, ele pode acabar adoecendo de verdade como mostra nossa entrevista com ECHO.

“Sim, é uma profissão muito instável mesmo, não existe uma regulamentação nem um órgão que responda, por isso a agência hoje tem um papel fundamental inclusive na proteção do artista que muitas vezes viaja pelo mundo, tudo tem respaldo, tem contrato, tudo regularizado com o governo e assim fazemos nossa parte para tornar a carreira do DJ mais sólida possível.” (ECHO).

A instabilidade do mercado, a crueldade e a velocidade como as coisas acontecem torna tudo muito rápido e superficial. A falta de apoio governamental como uma regulamentação por exemplo, acaba por deixar no DJ essa sensação de desamparo inerente, de uma falta que ele não consegue suportar.

“O desgaste mental que é muito maior que o físico, marcar datas, pressão do mercado em geral, o mercado é instável e muitos DJ's têm outras profissões, e não conseguem descansar como deveriam. Necessidade de novas criações, ânsia pelas próximas gig's, o lançamento das músicas, que a gente precisa marcar data, e onde e qual plataforma vai ser usada, e aí ele lança e já fica esperando pela repercussão das redes sociais.” (ECHO).

De acordo com os próprios DJ's o desgaste físico ocorre sim em grande parte por ficarem privados de sono, viajar de cidade em cidade, e fazer por vezes 3 show em uma noite. Porém, o desgaste emocional é muito maior. Como vimos em Dejours (1987), a mente trabalha o tempo todo com um excesso de carga. O DJ vive seus dias tentando prever o mercado, se antecipar em uma tendência ou até ser inovador e lançar algo totalmente inédito. Isso explica em grande parte o aumento da incidência de ansiedade e depressão nos DJ's atualmente.

Os trechos a seguir conseguem clarear como isso é para os DJ's na visão de REVERB:

“Não digo de popularidade, digo, você com você, pensando na música, se sua música é um reflexo de como você tá, se cê tiver no passado, sua música tá no passado. Cê tem que tá antenado no momento alí ó, cê tem que tá consumindo o presente e fabricando o futuro o tempo todo, porque a sua música não sai no momento que cê pensa, ela vai sair daqui meses, então cê já tem que tá pensando pá frente...Quando cê tá pensando no agora, cê já tá atrasado no rolê.” (REVERB).

“Eu acho a inspiração um pouco ilusão, inspiração cê pode ter uma, duas, três vezes, mas se você fazer isso todo dia, não é inspiração é disciplina, às vezes cê num tá focado, cê num tá com aquela super ideia, mas na hora que cê sentou, começou a trabalhar e começou a desconectar das distrações, algo vai acontecer... cê entra em hiperfoco alí alguma coisa vai acontecer, na hora que cê desconecta.” (REVERB).

A disciplina aparece no discurso de todos os entrevistados nesta pesquisa, o estabelecimento de uma rotina saudável é mais que necessária para que haja mais possibilidade de sucesso e desenvolvimento criativo de seu trabalho.

“Cê tem que tá alí o dia inteiro em busca, e a prática vai te levando a perfeição, se cê faz muito, cê...cê produz muito! É claro que existem fatores que vão te, te conduzir a uma determinada situação, num dia cê tá triste, e isso pode te prejudicar na produtividade ou pode te ajudar, pode aproveitar essa tristeza e fazer algo extremamente melancólico, o que é um sentimento poderosíssimo, em termos de venda de música, em termos de mercado. Meu som é baseado muito em melancolia, eu acho bom! Para mim funciona!” (REVERB).

Nos trechos a seguir, os sujeitos apresentam uma dimensão muito importante para nós, e que foi bastante citada, pois sabemos que por motivos óbvios, têm grande influência em nossas vidas e em nosso quadro geral de saúde, a dimensão das relações familiares.

Assim aparece na história de vida de REVERB:

“Inclusive eu fiz anos de análise com um psicanalista laciano foda aqui de BH, meu pai me colocou na terapia por causa das drogas e porque eu desisti de tudo para cair na música. Eu até hoje acho que sou a maior decepção do meu pai.” (REVERB).

A profissão de DJ e preconceitos que ela carrega, por si só acabam na maioria das vezes provocando conflitos entre os jovens e seus pais, levantando discussões a respeito da escolha profissional dos jovens, sobre preocupação com a remuneração, e o futuro da profissão, questões com drogas, entre outros elementos que compõe este campo de atuação. Foi interessante perceber que também obtivemos um dado inverso, que emergiu de nossa entrevista com WHITENOISE, ele diz que, para sua família o que ele faz como trabalho não tem

muita relevância em função da relação já não ser muito estreita a um tempo, vejamos:

“Olha, é uma profissão sociável... é uma coisa que você tem que entrar em contato com muitas pessoas é fundamental para você conseguir, ser até bem-sucedido... esse Network, não só com o público, mas com os contratantes. Então... e a família, que tem que estar também de acordo com umas coisas quando você é uma pessoa que é presente para eles ainda. Vamos se dizer... a pessoa que mora com a família... aquilo ali é uma coisa que faz ele desvincular da família. Porque é nos momentos de diversão que deveria estar passando ali com a família você vai estar viajando, você vai estar na balada... Por exemplo: uma festa de natal, uma festa de réveillon, uma outra comemoração qualquer que a família queria você perto... você vai estar ali divertindo outras pessoas... você tá se divertindo... mas você vai deixar esses outros momentos aí né para segundo plano. Então, para mim não foi tão problemático nessa parte familiar... porque eu não tenho convívio tão presente com eles... então não foi uma coisa que me gerou tanto desgaste por causa do que eu faço né? Então eles são pessoas que não se importaram muito com o que realmente eu faço... então não me causou nenhum problema né?” (WHITENOISE).

Outro ponto importante de ressaltar, é que o processo criativo sofre uma modificação fundamental com o passar dos anos de carreira, o que antes era muito intuitivo, o DJ costumava esperar a inspiração aparecer e ir no *flow* da criação. Com o passar dos anos torna-se habitual, torna-se uma ferramenta importante para a execução do trabalho diário do DJ como um todo.

O exercício da criatividade passou a ser massivo e constante, o que acaba por proporcionar a possibilidade de criar coisas surreais no meio artístico, isso faz com que hoje em dia ser criativo passe a não mais ser visto como presença de patologia nos sujeitos, mas pode provocar intenso cansaço mental, em função da pressão que os DJ' colocam como algo muito incômodo. É através da criatividade que o DJ começa a acessar sua personalidade através da música, expor seus sentimentos e conseguir passar sua mensagem para o público, como mostraram as falas de REVERB acima.

As emoções são de extrema importância para um alinhamento entre seu desejo e o que o DJ consegue produzir como produto do trabalho artístico dele, e é exatamente o que é ignorado pelo mundo do trabalho, a nossa dimensão humana. Quando o DJ consegue unir a música e sua personalidade, é quando as coisas começam a fluir e a se desenvolver, eles chamam de identidade musical, o produto que é resultado deste esforço. De acordo com todos os sujeitos entrevistados você precisa mostrar sua verdade, é com isso que o público se identifica, é isso que faz um DJ como Alok ser quem ele é.

Nessa busca por grandes resultados o DJ pode acabar por desenvolver uma enorme necessidade de aprovação do meio, aprovação essa que pode não chegar, provocando inúmeras desilusões, formação de sintomas e a perda de sentido da vida por se achar insuficiente a todo momento. Isso demonstra a importância da dimensão do trabalho em nossas vidas.

O DJ inexperiente muitas vezes se dilui subjetivamente ao que todo mundo espera dele, como bom trabalhador ele entrega o máximo de si, e, até ascender é muitas vezes ignorado pelo sistema. É por isso que muitos não conseguem desenvolver algo mais duradouro e personalizado na sua profissão, entregam tudo de uma vez e não sustentam suas carreiras, pois estão desanimados e cansados.

Fazer uma carreira sustentável é algo extremamente desafiador e que precisa de um trabalho de equipe como o próprio Alok já mencionou várias vezes em seu canal no Youtube⁵, cada pessoa presente ali na preparação do seu show é importante, desde o *road*, ao técnico de áudio, ao VDJ (pessoa que faz a mixagem de vídeos) que trabalha com a parte visual do seu show, ao cara da iluminação, enfim, não se faz sozinho um super star.

Tudo isso é o resultado de um longo trabalho global de marketing, criação, inovação, administração, persistência, estudo técnico e teórico, além de muito apoio de todos os lados principalmente psicológico. Um super star não se sustenta no mesmo lugar sozinho, nem caminha sozinho, por isso a aprovação do público e das pessoas ao redor é tão importante para eles. O próprio Alok admitiu que precisa diminuir o ritmo que alcançou, inclusive para tentar manter o equilíbrio nas áreas de sua vida, a final em 2020 Alok foi pai duas vezes, e abriu um instituto filantrópico que acolhe e cuida de crianças carentes no Brasil.

Alok ressignificou sua carreira aos 26 anos numa época de muita depressão, ele conta que foi para a Amazônia fazer um ritual indígena com o veneno do sapo, e um outro ritual com ayusaka, dessa forma ele se reconectou com sua profissão e deu novo sentido a sua vida.

Outro momento em que ele relata uma ressignificação de sentido na área do trabalho, é quando ele vai para África junto ao Médicos Sem Fronteiras, acompanhado de sua esposa Romana que é médica.

⁵ Link de Acesso ao Canal do Youtube de Alok:

<https://www.youtube.com/channel/UCQIaArsZfebRbb70iXm6usg>

Ele disse que o sucesso como DJ não fazia nenhum sentido só para acumular riquezas, que quando chegou ao topo e viu aquelas pessoas na África passando fome e inúmeras outras necessidades, se questionou o porquê de tudo que ele ganhou com seu trabalho.

Quando não viu mais falta em sua vida, pois tinha fama, prestígio, visibilidade, ele buscou ver a falta no Outro, tantos outros. Alok relatou que: “sentiu que tudo o que ele conquistou, também deveria ser usado para ajudar outras pessoas”. Ele precisava dar um novo sentido a todo dinheiro e possibilidades que a profissão de DJ trouxe para ele, como consequência. Para ele não se justificava mais o fim em si mesmo, tocar só por tocar, por ego, ou para acumular, disse ele em entrevista ao Flow Podcast.

Parecido fez o pai⁶ de Avicii que, após o suicídio do filho abriu uma instituição em nome, para ajudar a tratar adolescentes com problemas com álcool, drogas e depressão. Tudo foi feito com o dinheiro que Avicii deixou e que foi conquistado em toda sua carreira como DJ profissional.

Dessa forma, temas em torno da saúde mental em cima do trabalho dos DJ's têm sido amplamente discutido pelos amantes da cena eletrônica e seus trabalhadores em geral. O assunto também é exposto atualmente pelos DJ's em suas redes sociais, pelas agências, gravadoras, em conferências, cursos online e lives, se intensificando agora na pandemia de Covid-19, fato atual que trás ainda mais relevância para este estudo. Metade dos nossos sujeitos já fez psicoterapia em algum momento da vida, mas atualmente nenhum deles está em acompanhamento psicológico.

O que fica muito claro com tudo isso é que ter uma família que nasceu e cresceu na música como a do Alok, de dentro do meio faz sim toda a diferença sobre as possibilidades e oportunidades que ele teve, e isso se relaciona diretamente com a dimensão que sua carreira tomou. A forma como ele e o irmão Bhaskar conseguem sustentar suas carreias no auge por tanto tempo, nos fez referência aquelas empresas de família, passadas de geração em geração. Uma organização que investe, apoia, acredita e auxilia no desenvolvimento global, não ignorando o sujeito, mas abrindo as possibilidades para suas

⁶ Link de acesso à reportagem sobre o Pai de Avicii:

<https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2020/09/09/avicii-pai-entrevista/>

potencialidades serem exploradas também no campo dos afetos, mas com limites, não se pode esquecer que ainda são jovens e que para a saúde a longo prazo, o ritmo de trabalho deve ser repensado com frequência e reavaliado a cada nova fase da vida.

4.5 DJ na pandemia de COVID-19

Este estudo foi realizado em meio à pandemia de Covid-19. Inicialmente o tema não teria nenhum vínculo em outros tempos, porém, dadas as circunstâncias e os prejuízos para todo setor de eventos, que enfrenta a maior crise já vista no seu ramo. É um ramo que essencialmente lucra com a aglomeração de pessoas. Dito isso, foi muito rico o que encontramos como resultado nesta parte pesquisa. Por sua atualidade em revelar os caminhos do mercado.

Mercado esse que retrocedeu no quesito shows, porém ganhou um plus no quesito cursos e produções musicais para plataformas de *streaming*, como o Spotify, Deezer, Youtube e outros.

“Sobre o cenário da pandemia, alguns disseram que foi o pior ano da vida deles, muitos tiveram crises de ansiedade e pânico, não por ficar sem dinheiro porque já tinham uma vida mais estabilizada, com casa própria e tals, mas por causa da rotina mesmo, tinham uma vida social super agitada, duas, três festas por fim de semana, e de repente estão trancados em casa, surtaram mesmo, eu digo que para mim foi ano de aprendizado, e o mais difícil da carreira de DJ é sustentar a posição de artista nos topos para gerar demanda e aí sim ganhar dinheiro como resultado.”(ECHO).

Com este cenário de reclusão social, o mercado da música eletrônica foi obrigado a desacelerar. Estamos vivendo um momento histórico mundial, o mercado de eventos em todos os nichos culturais sofre uma grande crise econômica, mas nem assim o mercado parou de vez. Recentemente a Revista FORBES publicou a lista dos mais novos milionários do ano de 2021 e um dos nomes é de Luciano, o DJ mineiro, natural de Belo Horizonte com menos de 30 anos de idade. Mesmo sem fazer shows, Luciano abriu uma gravadora, lançou músicas em *collab* (como os DJ's chamam as parcerias que fazem entre eles) nas plataformas de *streaming* e fez muitas lives neste último ano. Sobre o mercado neste momento, os DJ's que entrevistamos disseram:

“A minha leitura da situação, a turma que vivia do marketing e da propaganda da imagem dele numa festa, e ele não é tão produtor de conteúdo, não vive da música só vive da imagem tocando, a carreira dele

deu uma desabada, por que não tem mais festa para ele tocar nem imagem dele tocando a glória dele no palco já foi tem mais de ano então foi acabando foto para postar, recurso de propaganda, foi secando a fonte! Não tem entrada como que vai sustentar? Fotógrafo atrás dele o dia inteiro, sustentar ... tráfego patrocinado, propaganda e mais propaganda isso foi se enxugando..." (REVERB).

Com os shows congelados sem datas para retorno no Brasil, um cenário sem previsão de vacinação em massa, as perspectivas se reduzem. A parte comercial externa do mercado está em crise, porém alguns artistas conseguem ainda encontrar saídas satisfatórias, que os permitam continuar trabalhando com a música e com o mercado mesmo que indiretamente. Muitos deles estão tirando este momento para reavaliar-se profissionalmente, desenvolver-se mais, profissionalizar mais suas atuações e estão aprendendo ao mesmo momento em que tudo acontece.

"Eu acho que a pandemia trouxe isso de aprendizado, muitos precisaram se mexer e se reinventar, alguns partiram para as plataformas de vendas de músicas, coisas que antes para o DJ era tudo muito largado. Não se preocupavam muito com direitos autorais, em receber os royalties pelas suas produções próprias e aí inúmeros deles foram atrás das gravadoras, e é muito difícil lançar música por gravadora, é muito disputado, muitas vezes eles nem responder os e-mails que os artistas mandam com as músicas. Porque hoje em dia é aquela coisa, você não cresce no mercado e se destaca sem produzir suas próprias músicas, então o DJ que quer uma carreira sólida precisa aprender a produzir, o que não é fácil." (ECHO).

A pandemia de Covid chegou, e com ela uma quantidade enorme de novidades e adaptações para o DJ mais uma vez. O ritmo diminuiu, porém, não parou totalmente. Enquanto os palcos estão vazios e as cabines das boates se enchem de teias de aranha, a dimensão virtual e a dimensão dos cursos profissionalizantes ganharam destaque. Sobre isso, é perceptível que o mercado de cursos online em todas as profissões e áreas de conhecimento, é o que mais cresceu em todo o mundo neste tempo.

"É... tá sendo para mim um pouco mais tranquilo porque eu já dei uma desacelerada nesse ritmo de estar tanto presente em cima do palco, acabei que ao longo desses anos agora eu me dediquei mais a lecionar do que realmente ser o DJ (...). Para as aulas tem sido tranquilo porque, foi um dos momentos que eu trabalhei bastante... desde o começo da pandemia as coisas que alguns que estavam lá atuando com o ego vieram procurar o conhecimento... coisa que eu procurei fazer há 13 anos atrás. Então essas pessoas que antes estavam ali né... sem fazer música... ou tocando mal né? Ou então vivendo só do marketing exacerbado que eles fazem hoje em dia de... de só simplesmente destacar pelo seu profile né? Pela sua persona né, só para aquela... aquele vendedor de influência né? De ser aquele life style, club life Style né. Então eles vieram me procurar, buscar realmente a técnica, buscar realmente o que precisava para eles né? Para alguns desses DJ's ou

até mesmo os novatos, até mesmo pessoas que ainda não tiveram oportunidade de acreditar no seu próprio sonho e assim como eu, vieram buscar esse conhecimento que hoje em dia tá mais fácil, eu dou aulas em português né, o que hoje dia é uma grande oportunidade para eles poderem ter acesso né?” (WHITENOISE).

Tudo isso facilitou o acesso da população em geral a cursos e conteúdos voltados para a área de DJ, e agora com uma outra facilidade, a pessoa não precisa mais saber falar inglês para conseguir estudar produção musical e discotecagem, ela pode fazer aulas em português, com um professor nativo, o que era impossível a 20 anos atrás.

Já para outros a pandemia pode ter sido bem difícil em vários níveis, como já podemos ver até aqui. Quando perguntamos como têm sido a pandemia para nossos entrevistados, eles disseram:

“Cara a pandemia me deu uma brochada cabulosa, sabe? Principalmente na criatividade, eu fiquei travado, não sei nem explicar o que aconteceu, mas eu consegui produzir bem pouco na pandemia, eu fui até produzir outros estilos, produzi bastante techno, house, inclusive, literalmente à toa porque eu não vou nem laçar... em relação ao prog então que eu produzo trance né, eu fiz umas 4 músicas só, era para eu ter feito bem mais, na verdade.” (BACKSPIN).

“Não adianta eu ficar me cobrando muito, então eu coloquei isso na minha cabeça, quando entrou a pandemia, claro que tive meus momentos de ansiedade.” (BACKSPIN).

Aparentemente, o DJ que ficava muito preso somente a dimensão dos prazeres que a profissão proporciona, na pandemia, ficou desestruturado, não teve sabedoria para administrar a carreira e o cenário de reclusão trouxe o desamparo ainda maior, porém, também trouxe a chance de ressignificação. Nas palavras de ECHO, conseguimos perceber que todo esse movimento trouxe grandes lições de vida profissional:

“Eu discoteco pela paixão maior de tocar música, eu acredito que essa pandemia veio trazer muitos aprendizados com os erros que cometemos, sobre não levarmos as vezes a carreira tão a sério.” (ECHO).

Isso significa que esse tema da pandemia de muitas formas está interligado a profissão do DJ, é uma das profissões mais prejudicadas. Principalmente em relação aos DJ's que ainda não produzem suas próprias músicas, não podem ganhar dinheiro nem fazendo *lives*, pois são derrubados pelos direitos autorais dos donos das músicas. Se comparado com outros artistas do entretenimento, como cantores sertanejos, de pagode e outros DJ's

que são produtores, que podem monetizar suas *lives*, pois são donos das produções que apresentam.

No ramo da música eletrônica atual, ficou muito claro que se você não produz, a pandemia pode ser o momento perfeito para que os DJ's possam atualizar-se diante das novas tecnologias que vem surgindo.

Nestes tempos de crise a parte séria do trabalho exige muito mais. De acordo com eles, é aquela parcela que exige profissionalismo, maturidade, conhecimento técnico, teórico, gestão de tempo, da carreira, da saúde e da vida pessoal, tentando de alguma forma tornar tudo isso mais saudável e ressonante com o lado artístico *glamouroso*. O maior desafio de ser DJ atualmente em tempos de pandemia embora não esteja tendo shows, é estar bem emocionalmente para dar continuidade ao que pode ser desenvolvido nas outras dimensões. Isso tem se mostrado muito difícil para essa classe de trabalhadores de eventos que não desfruta de um atendimento psicológico específico para sua área de atuação.

A pandemia ainda não acabou, um ano e cinco meses depois de seu início o cenário ainda é uma incógnita, mas uma coisa é certa, quem se prepara, estuda, trabalha, desenvolve, tem muito mais possibilidade de fazer o tal sucesso que a profissão dos sonhos promete.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tudo que fora apresentado até aqui, acreditamos que o tema “A saúde mental no trabalho de DJ’s” foi capaz de abarcar os objetivos principais, que estavam entorno de compreender como se dá a relação deste profissional com as outras áreas de sua vida e a relevância do cuidado da saúde mental para este tipo de profissão. É uma proposta de interlocução entre o trabalho e a clínica, duas vertentes que se encontram e se complementam entre si neste convite para um mergulho na Psicologia do DJ, se assim podemos chamar. Fizemos um estudo dinâmico, elencando vários aspectos, para demonstrar necessidade de um olhar ampliado para este trabalhador.

A necessidade de recorrer a materiais diversos, como revistas, jornais e vídeos, se deu em função da escassez de estudos científicos a respeito. Unindo tudo isso ao contexto da pandemia, este estudo se faz mais que necessário, se faz valioso, pois retrata a realidade de uma parcela da população de DJ’s de Belo Horizonte – MG, que pode ser comparado a outros lugares do mundo em função da globalização e do uso de tecnologias.

Posto isso, apresentaremos alguns resultados que foram encontrados. A respeito da paixão ser um propulsor e o sonho ser um objetivo, apareceu como pontos em comum em todos os conteúdos analisados, definitivamente se coloca como algo que envolve a prática da discotecagem.

Em relação aos impactos do sucesso na vida desses trabalhadores, pudemos concluir que existe muita pressão psicológica e influência sendo exercida em cima desse sujeito que faz sucesso. É comum a presença de sintomas que denunciam um adoecimento. O fato de ser uma profissão pautada em momentos de prazer e diversão acaba influenciando na forma como esse trabalhador olha para si mesmos e sua saúde.

Em referência à categoria ‘Obstáculos nas trajetórias dos DJ’s’, concluimos pelos relatos que o uso de álcool e outras drogas costumeiramente é a via de acesso principal dos jovens ao mundo eletrônico. Ressaltamos que para além de uma estratégia de denúncia as partes ilícitas envolvidas neste ramo do *show bis*, este estudo buscou ter a compreensão, com um olhar muito mais humano, dos motivos pelo qual tantos obstáculos acontecem nesta profissão. A fim de fornecer um acolhimento de mais qualidade e equidade para eles.

Propiciamos apenas uma visão do meio, para que outros profissionais que se interessam pelo tema possam a partir deste, desenvolver seus próprios pontos de vista.

De acordo com eles os obstáculos são muitos, mas os principais que causam mais angústia são: a privação do sono; alimentação irregular, saúde auditiva, saúde física, saúde mental, relações familiares, relacionamentos amorosos, relações sociais, relações financeiras, conhecimentos de gestão, além dos conhecimentos técnicos exigidos dos DJ's atualmente de diversas áreas, ter uma boa imagem que consiga passar de fato a sua personalidade, além de boa sonoridade. Uma celebridade em tempo integral.

Este padrão muito alto pode se revelar bastante adoecedor. Estar sempre funcionando em alta performance pode levar a quadros de síndrome de Burnout, depressão, ansiedade, pânico, paralisia do sono e outros quadros ainda podem surgir a partir do encontro entre a história de vida do sujeito que é única, elencada a todos esses fatores externos de insegurança, obstáculos, drogas e prazer e ilusões envolvidos neste tipo de trabalho.

Concluimos também com os dados obtidos que o tempo de pandemia, tem sido aproveitado pelos DJ's de outras maneiras. Eles têm tentando usar toda sua criatividade para buscar novas formas de trabalhar em tempos assim. Com todo esse contexto sabemos que as dificuldades enfrentadas por eles são ainda maiores emocionalmente, pois estão privados do convívio social e das apresentações públicas que sustentam em maior parte a prática de seu trabalho.

A pesquisa indica que o mercado agora caminha para uma fase de maior profissionalização de base, oferecendo cursos robustos em escolas cada vez mais profissionais. A fim de resultar quem sabe em uma futura regulamentação, que por sua vez será muito benéfica para essa parcela enorme de trabalhadores. Pois poderão ter seus direitos mínimos de segurança e saúde garantidos. Como consequência, possibilitará uma diminuição significativa sobre as preocupações que pesam sob os aparelhos psíquicos desses sujeitos que trabalham como DJ's.

Com tudo isso apresentado, faremos a partir deste ponto algumas sugestões que podem promover mais saúde para estes profissionais.

Primeiramente fica salientado que este tipo de profissional está demandando com urgência uma clínica multidisciplinar. Profissionais que

consigam trabalhar em equipes que possam conter trabalhadores de diversas áreas. Uma equipe ideal teria em seu corpo um psicólogo, fonoaudiólogo, nutricionista, fisioterapeuta, psiquiatra e médico clínico que possam ser acessados em caráter de necessidade. A respeito de distúrbios de sono e outros sintomas mais graves que podem drenar a saúde do DJ's em seu trabalho é preciso trabalhar de forma preventiva. Em casos de crises agudas de pânico e ansiedade, o psicólogo também pode oferecer o acompanhamento terapêutico como forma de intervenção e estabelecimento de vínculo e segurança.

O trabalho no manejo com essas pessoas, tende a ser mais cauteloso no início, é preciso compreender que estes são sujeitos que têm relações diretas com intensas sensações de prazer e satisfação, podendo ser mais difícil trabalhos de auto responsabilização e tomada de consciência, em função de todo apaixonamento que acaba por cegar o DJ momentaneamente, ele pode demorar a compreender a parte que se refere ao lado de gestão de carreira. Todos nossos sujeitos já fizeram psicoterapia em algum momento da vida, porém estão sem acompanhamento psicológico neste momento.

Trabalhar em psicoterapia a resistência a frustração, a superação de obstáculos e alívio da pressão psicológica, nos pareceu ser uma boa estratégia para intervenções e estabelecimento do processo psicoterápico com esses trabalhadores. Finalizamos relatando que conseguimos atingir todos os objetivos traçados inicialmente para o desenvolvimento desta pesquisa, almejando que ela seja lida para que nasçam muitas outras.

6 REFERÊNCIAL TEÓRICO

ASSEF, Claudia. **Todo Dj já sambou: a história do disc-jóquei no Brasil**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

BARDIN, Laurence. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

COREN, Giles. Has everyone out there gone completely gaga? We're at 'peak bonkers', with nearly every famous person from princes to pop stars flaunting their mental health issues." **Times** [London, England], 22 Apr. 2017, p. 26. *Gale AcademicOneFile*, <https://link.gale.com/apps/doc/A490377716/AONE?u=capes&sid=AONE&xid=939ee879>. Accessed 12 Nov. 2020.

DEJOURS, C. (1987). **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez.

FERREIRA, Vitor Sérgio. **Ser DJ não é só Soltar o Play: a pedagogização de uma nova profissão de sonho**. I Universidade de Lisboa (ULISBOA), Lisboa – Portugal Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 473-494, abr./jun. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623664>

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa** / Uwe Flick; tradução Joice Elias Costa. – 3. Ed.- Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREUD, S. (1969a). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas* (J. Salomão, trad., vol. 18, pp. 89-179). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

FREUD, S. (1974). O Mal Estar na Civilização. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago. XXI. PP. 174.

MALISKA, Maurício Eugênio. *A angústia diante do sucesso. Psicanálise & Barroco em revista* v.11, n.: 80-91, Dez.2013.

SANTAROMANA, MARC. **Saúde Mental para DJs: 4 maneiras de lidar com o Burnout de DJ's**. Digital DJ Tips - The Global DJ School. Las Vegas, 22 de março de 2021. <https://www.digitaldjtips.com/2020/02/mental-health-for-djs-burnout/>

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 34-38, 1995.

Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 11 May 2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931995000100009>.

MERCURI, Monica. **17 Djs mais bem pagos do mundo em 2019**. Revista Forbes.2019.Acesso disponível em: < <https://forbes.com.br/listas/2019/07/17-djs-mais-bem-pagos-do-mundo-em-2019/>

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTANO, E.D. **Como sabe que ele não toca Pac-Man enquanto é suposto ser DJ?': tecnologia, formatos e o futuro digital da cultura DJ**. Música Popular, Universidade de Cambridge. Outubro de 2010, Vol.29(3), p.397-416.

NAVARRO, Fernando. A vida de Dj nem sempre é uma festa. **El País**. Madri, 16 de setembro de 2018. Acesso disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/15/cultura/1537030389_165233.html >

NEWSRX. Novos achados de B. King e coautores na área de doenças e condições de saúde mental relatadas (Uma medida revisada de estresse ocupacional para músicos populares: teste piloto de validade e confiabilidade). **Mental Health Weekly Digest**. 17 de junho de 2019; p 296.

OLIVEIRA, Karina da Silva; NAKANO, Tatiana de Cássia; WECHSLER, Solange Muglia. Criatividade e saúde mental: uma revisão da produção científica na

última década. **Temas 57sicol.**, Ribeirão Preto, v. 24, n. 4, p. 1493-1506, dez. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2016000400016&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 19 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.4-16>.

PAVITRA, K., et al. "Criatividade e saúde mental: um perfil de escritores e músicos." *Indian Journal of Psychiatry*, vol. 49, nº 1, 2007. *Gale Academic OneFile* ., Acessado em 10 de novembro de 2020.

ROSENTHAL, G. **Pesquisa social interativa: uma introdução**. P.A. Edi PUC RS, 2014.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante; MOREIRA, Jaqueline de Oliveira. **O Eu e o Outro no mito freudiano da fundação da cultura**. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 187-202, ago. 2013

UHLENDORFF, Lisa. **Saúde mental na indústria musical**, Coluna da Lisa #2: saúde mental e o mercado da música eletrônica – Play BPM, 13 de junho de 2020; <https://playbpm.com.br/saude-mental-e-o-mercado-da-musica-eletronica/>

WHITE, Dan. **Como Superar o Bournout do DJ**, DJ Techttools. 26 de agosto de 2018; <https://ditechtools.com/2018/08/26/how-to-overcome-dj-burnout/>

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZANE, Vitória. **Avicii, uma vida que sempre será lembrada**. São Paulo: Play BPM, 20 de abril de 2019; p.5. <https://playbpm.com.br/avicii-uma-vida-que-sempre-sera-lembrada/>

ZANE, Vitória. **KVSH entra para FORBES Under 30 Brasil**. São Paulo: Paly BPM, 06 de janeiro de 2021. <https://playbpm.com.br/noticias/kvsh-forbes-under-30-brasil/>